

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

THALYTA PEREIRA MACIEL

**CONSUMINDO MEMÓRIAS, DEGUSTANDO SAUDADES:
a saudade nos relatos alimentares de idosos institucionalizados**

Cuité/PB

2016

THALYTA PEREIRA MACIEL

**CONSUMINDO MEMÓRIAS, DEGUSTANDO SAUDADES:
a saudade nos relatos alimentares de idosos institucionalizados**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientadora: Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva

Cuité/PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Msc Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

M152C Maciel, Thalyta Pereira.

Consumindo memórias, degustando saudades: a
saúde nos relatos alimentares de idosos
institucionalizados. / Thalyta Pereira Maciel. – Cuité: CES,
2016.

78 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro
de Educação e Saúde / UFCG, 2016.

Orientadora: Michelle Cristine Medeiros da Silva.

1. Idosos - nutrição. 2. Idosos institucionalizados. 3.
Idosos - desnutrição. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 616-07(053.9):612.3

THALYTA PEREIRA MACIEL

**CONSUMINDO MEMÓRIAS, DEGUSTANDO SAUDADES:
a saúde nos relatos alimentares de idosos institucionalizados**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, Cultura e Sociabilidades na Sociedade Atual.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Michelle Cristine Medeiros da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Profa. Dra. Izayana Pereira Feitosa
Universidade Federal de Campina Grande
1º membro

Prof. Luan Medeiros da Silva
Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Hospitalar - UFPB
2º membro

Profa. Luciana Maria Pereira de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande
Suplente

Cuité/PB
2016

Aos meus pais pelo apoio e confiança na sua filha teimosa.
A minha avó (*In Memória*), pelas boas lembranças e infinitas saudades.
As idosas cujas vozes fizeram deste trabalho uma melodia saudosista que só os ouvidos serenos
conseguem decifrar.

AGRADECIMENTOS

A vida é um recanto de singelos momentos e boas lembranças. Um berço de plenitudes que se lapidam nos minutos e segundos onde a história se eterniza. A vida é algo que de tão simples, se torna indescritível e indecifrável. Nesse relicário infinito de sucessão de momentos, algumas pessoas ganham destaque. São aquelas que nos marcam de alguma maneira. São as pessoas que tornam doce o nosso existir. São aquelas que adentram sorrateiramente as linhas de nossa história e nelas permanecem guiadas pelas nossas próprias mãos.

São pessoas apetitosas como um banquete à mesa farta. São pessoas singelas, serenas, insubstituíveis. Tê-las significa muito mais do que possuir um pouco de sorte, significa ser presenteada com algo cuja raridade é incontestável. É entre esses suspiros de lembranças e saudades, que aqui deixo registrada a minha gratidão a essas pessoas que instigam em meu ser, o melhor que uma alma pode exalar em mudo já tão egoísta e insípido.

A vocês dedico meus sentimentos mais sutis. A vocês direciono todos os meus aplausos e admiração. A vocês, hoje dedico estas linhas delicadas, escritas com o amor que por vocês foram me concedidos. Nessa vida que se passa com tanta ferocidade, dedico a vocês o meu tempo, minhas lágrimas e meus sorrisos. Quero aqui eternizá-los de alguma maneira. Registrar seus nomes de modo que os olhares que por aqui passearem. Saibam o quanto sou grata pela amizade, carinho e ajuda a mim concedida.

Ao fazê-lo, meu coração abrandar-se, uma calma invade-o por inteiro. Em minhas mãos sinto o peso suave de suas vidas que anseiam-se em materializar-se nestas palavras e aqui acomodarem-se em plenitude eterna. Em minha mente encenam-se as memórias de gratidão. A emoção ganha vida e a já saudade aperta. Saudade acordada pelas lembranças que surge de cada um de vós. Um sentimento que me acompanhará em cada palavra que aqui lapidarei. O que me faz apreciar algo que jamais esquecerei: o sabor agradável e singelo de uma boa lembrança, construídas por aqueles que concedem sentido a minha vida. Como um fio de azeite no macarrão apetitoso, assim são as memórias de agradecimentos que aqui depositarei: simples e saborosas.

Concedo-os então, às minhas lembranças, minha saudade e minha sincera gratidão:

Àquele que torna a vida possível: Deus. Agradeço-o pelo dom da vida. Pelo cuidado constante. Pela força nos dias turbulentos e pela ajuda quando tudo parecia impossível. Agradeço-o pelas oportunidades e pelos caminhos a mim oferecidos. Agradeço pelas vidas que

colocastes em minha trajetória, e por ter segurado a minha mão até aqui. A Ele, minha vida. Meus infinitos agradecimentos.

Àqueles que fizeram de mim o que hoje sou: minha família. Dedico a vocês meus mais puros e emotivos agradecimentos. A mainha e painho, cujos nomes aqui registro com orgulho e carinho: *Hélio* e *Débora*. Agradeço-os pelas palavras de força dia após dia, pela presença incessante mesmo quando os quilômetros insistiam em mantê-los longe de mim. Agradeço-os pelo esforço incansável na realização do nosso sonho. Agradeço pela paciência nos dias estressantes, pela compreensão nos dias em que estive ausente. Desculpo-me também pelos dias em que não estive presente para um abraço quando tudo se fazia difícil, para uma ajuda nos momentos que precisaram da minha presença. Desculpo-me pela ausência que muitas vezes se tornou tristonha e saudosista. A vocês meus guerreiros, meus exemplos, todo meu carinho e amor.

Aos meus irmãos, *Thyago* e *Thaisy*, pelo apoio durante esses quatro anos. Agradeço pela amizade e confiança que depositaram nessa irmã que tanto vos ama. Obrigada pela ajuda nunca negada, pelo esforço desmedido e pelo empenho em realizar um sonho que não é só meu, o nosso sonho! Amo vocês meus fiéis e eternos amores. Meus queridos e amados irmãos.

À menina sábia a quem tive a honra de encontrar pelo caminho: minha orientadora *Michelle Medeiros*. Existem pessoas que possuem o dom de tocar aqueles que estão ao seu redor, e, sem dúvidas, és uma delas. Te agradeço pela ajuda imensurável não só na realização do nosso trabalho, mas também, durante os momentos de minha vida acadêmica. Serei eternamente grata por mostrar-me que existem outros caminhos, outros ares e paisagens na nutrição. Sua sabedoria e fome pelo conhecimento a tornam um exemplo a ser aplaudido e admirado. Uma referência. A você, meus doces e saborosos agradecimentos e já minhas temperadas saudades.

Àquela cuja vida marcou a minha de uma maneira profunda: minha avó, *Dona Joana*. Uma senhora de riso fácil e olhar contagiante. Alguém que trazia dentro de si, uma alegria capaz de curar todas as mazelas do mundo. Sua presença mostrou-me o que realmente é importante nessa vida. Seu carinho me fez perceber o qual valioso são aqueles que temos ao nosso lado. Seus ensinamentos estarão para sempre guardados em minha memória. Seu sorriso permanecerá refletido em meu rosto. À senhora vizinha, dedico minhas lembranças mais singelas, aquelas que o tempo não pode consumir. Quão grande seria a minha alegria se a senhora estivesse aqui para

ler essas palavras, mas a vida a levou tão cedo não foi? Portanto, por ti e para ti, dedico as minhas lembranças e a minha profunda e suave saudade.

Àqueles que tornam os meus dias mais felizes: meus amigos. Obrigada meus queridos, pelas risadas nos momentos em que a vida oferecia-me tristezas. Agradeço pelos abraços nos dias em que a solidão se fazia a única companhia. Obrigada pelo carinho, pelos conselhos, pelos momentos das quais levarei comigo pelo resto dos meus dias. Os momentos que construímos serão guardados para sempre em minha memória. E se por ventura, algum dia, tivermos que seguir caminhos diferentes, serão esses momentos que me farão tê-los comigo outra vez.

Cathysia, minha irmã de moradia e de alma. Agradeço pela pessoa linda que és. Agradeço pela ajuda, pelos conselhos e irmandade concedida. Certamente teremos muitas histórias para contar quando, e se, seguirmos por caminhos diferentes. Já consigo sentir o sabor da saudade. À você *Isa*, dedico os meus mais sorridentes agradecimentos. Obrigada amiga, pelas risadas em dias tristes, pelas loucuras que mantiveram a sanidade dos nossos dias. Sentirei saudades de seus momentos de TOC e surtos. Te agradeço pela sua irmandade minha irmã. *Amandinha*, minha flor meiga, obrigada pelo carinho e pela sua amizade tão sincera e essencial em minha vida. *Mona*, garota *fitness*, te agradeço minha amiga, pelos conselhos, pelas leseiras e ainda, pelo convívio da qual sentirei saudades. *Ray*, meu amigo internacional. Conhecê-lo foi um presente da qual não esperava, mas que hoje, não troco por nada. Teremos muito o que contar sobre nossas viagens na Jardimense, hein? Sentirei sua falta meu querido. Te agradeço por tudo. *Ádila* minha menininha linda, a amiga que o GULA uniu. Te agradeço minha flor, pela sua amizade sincera, pela paciência em ler meus textos nas madrugadas. Te agradeço pela alegria que tantas vezes me fez sorrir também. Obrigada por tudo e, mais ainda, por obrigada por sempre compartilhar comigo a fome pela literatura. *Juliana*, minha querida, te agradeço pela força e pelas trocas de conhecimento que tanto compartilhamos. *Rafa*, o baiano mais arretado que já conheci, obrigada pela sua amizade, obrigada por tudo. *Martiniano* meu grande amigo. A você dedico todos os meus agradecimentos carinhosos. Sua amizade foi um tesouro que encontrei nessa caminhada. Serei eternamente grata por tudo.

Agradeço a todos vocês por tornarem felizes os meus dias. Se pudesse começar outra vez, só o faria se tivesse vocês para caminharem junto comigo. A todos vocês meus amorosos agradecimentos. Vocês fazem parte disso.

Ao grupo que expandiu meu olhar para além dos horizontes: GULA. Agradeço pelo acolhimento tão apetitoso. Pelos conhecimentos compartilhados. Pela fome incessante pela literatura. A vocês dedico minhas páginas mais deliciosas. Os guardarei em minhas mais preciosas páginas. Sentirei saudades.

À instituição Vó Filomena, Cuité, pelos aprendizados concedidos. Meus queridos, agradeço por cada brilho no olhar, por cada sorriso que fluía em nossas conversas. Agradeço por me concederem o primeiro contato com idosos residentes em instituições. Devo muito a vocês. Espero ter preenchido, embora que por alguns momentos, o vazio deixado pelos seus.

A Luan e Izayana, por terem aceitado contribuir com este trabalho com suas visões tão ricas e necessárias. Espero que este estudo os tenha instigado novas concepções em seus conhecimentos.

À instituição Lar Mestres da vida, pela permissão da realização deste trabalho. Às adoráveis idosas pelo acolhimento, pelo carinho e pela confiança em confessar-me a história de suas vidas. Estar com vocês mostrou-me o quão urgente se faz o olhar atento, voz ativa e ouvidos aguçados no interior desses muros.

Aos meus queridos professores, por terem acrescentado em minha vida, os conhecimentos que me guiarão pelos caminhos da vida. Em especial a professora Elieyde Gomes, por ser esse ser iluminado e abençoado que a todos conquista.

A todos vocês, os meus saborosos agradecimentos!

RESUMO

MACIEL, T. P. **Consumindo memórias, degustando saudades:** a saudade nos relatos alimentares de idosos institucionalizados. 2016. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2016.

Segundo dados do Instituto de pesquisas econômicas aplicadas pelo menos 1% da população idosa brasileira hoje reside em Instituições de Longa permanência (ILPs). Uma dos problemas mais preocupantes enfrentados por este público é a desnutrição, que pode atingir até a 80% dos idosos institucionalizados. Sabe-se que as práticas alimentares, principalmente para os idosos, estão estritamente relacionadas com a memória, um componente subjetivo que afeta a alimentação e que frequentemente sequer é considerado no planejamento das refeições em instituições. Quando a memória trata de um tempo desejado e significativo que já não mais é, fala-se em saudade, uma emoção que invade as narrativas alimentares autobiográficas de idosos institucionalizados. O objetivo deste trabalho foi dialogar com esses relatos como uma forma para compreender a relação atual desses idosos com sua alimentação. Para tanto utilizou-se a metodologia da entrevista narrativa para conversar com sete idosas residentes em uma ILPI filantrópica no município de Caraúbas/RN Todos os relatos foram gravados e posteriormente transcritos. Os dados foram examinados pela análise de Schütze. Os resultados encontrados neste estudo apontam que narrar as memórias de sua alimentação desperta uma saudade reconfortante que reposiciona esses indivíduos como sujeitos, seres de história. Foi possível observar a partir do relatos alimentares que alguns alimentos destacaram-se como motores dessas memórias gustativas, dentre eles, aqueles associado ao cotidiano dos indivíduos: o pão, o feijão, o arroz de leite, o café, a rapadura. Ao lado deles, alguns elementos que emolduravam o ato de comer e que eram disparadores dos relatos de saudade no momento pós-institucionalização: a família, sobretudo a mãe, e a comensalidade. Já a cozinha é a ambiência onde a saudade ganha destaque. Assim, torna-se necessário um olhar atento para tais questões no interior das ILPIs, de modo a melhorar a relação do idoso com o alimento no pós-institucionalização, como uma forma de minimizar a desnutrição, um problema frequente nestes espaços de cuidado permanente.

Palavras chaves: Idosos. ILPI. Alimentação. Saudade. Desnutrição.

RESUMEN

De acuerdo con los datos del *Instituto de pesquisas econômicas aplicadas* por lo menos 1% de la población de edad avanzada ahora reside en centros de atención a largo plazo (CALP). Uno de los problemas más preocupantes que enfrenta estos ancianos es la malnutrición, que puede alcanzar hasta el 80% de ellos. Se sabe que las prácticas alimentarias, especialmente para los ancianos, están estrechamente relacionados con la memoria, un componente subjetivo que afecta la alimentación y que, a menudo, ni siquiera es considerado en la planificación de las comidas en las instituciones. Cuando la memoria si trata del deseo de un tiempo que ya se fue se habla en nostalgia, una emoción que invade los alimentos en las narrativas autobiográficas de los ancianos institucionalizados. El objetivo de este estudio fue el dialogar con estos ancianos como una manera de entender la relación actual de ellos con su comida en los CALPs. Para ello se utilizó la metodología de la entrevista narrativa para hablar con siete ancianos residentes en un hogar filantrópico en el municipio de Caraúbas/RN. Todos los informes fueron grabados y posteriormente transcritos. Los datos fueron examinados por análisis de Schütze. Los resultados de este estudio indican que narrar los recuerdos despierta una nostalgia reconfortante que reposiciona a estas personas como sujetos, dueños de su historia. Algunos alimentos se destacaron como estos motores recuerdos gustativos, principalmente los relacionados con la vida cotidiana de los individuos: pan, frijoles, arroz con leche, café, azúcar. Junto a ellos, algunos elementos eran factores desencadenantes de los informes de nostalgia: la familia, especialmente la madre, y la comensalidad. La cocina es el ambiente clave de la nostalgia. Por lo tanto, un vistazo más de cerca a estas cuestiones dentro de los CALPs es necesario, con el fin de mejorar la relación de las personas mayores con la comida en el post-institucionalización como una forma de minimizar la malnutrición, un problema frecuente en estos espacios de atención permanente.

Palabras clave: Edad avanzada. CALP. Alimentos. Nostalgia. Desnutrición.

LISTA DE SIGLAS

ILPI – Instituição de longa permanência para idosos

SUMÁRIO

E DE SÚBITO ME DEU SAUDADES	10
1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 REVISÃO DA LITERATURA	16
4 METODOLOGIA	28
4.1 TIPO DA PESQUISA	28
4.2 PARTICPANTES DA PESQUISA	28
4.3 ASPECTOS ÉTICOS	28
4.4. ABORDAGEM METODOLÓGICA	29
4.4.1 Seleção dos participantes e número da amostra	29
4.4.2 Coleta de dados	29
4.4.3 Análise de dados	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1 O GOSTO DA SAUDADE QUE RECONFORTA	33
5.2 PASSADO, TEMPO DO CONVÍVIO, PRESENTE, TEMPO DA SAUDADE	36
5.2.1. O sabor da saudade: os alimentos do cotidiano	40
5.2.1. Elementos fundantes da saudade: família e comensalidade	43
5.3 O ESPAÇO DA SAUDADE: A COZINHA	48
5.3.1. A cozinha: um laboratório sentimental	50
5.3.2 Condimentos da nova cozinha pasteurizada: solidão e saudade	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXO	70
APÊNDICE	74

E DE SÚBITO ME DEU SAUDADES

De que são feitos os dias? De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças (Cecília Meireles).

De repente me vi cercada por um sentimento que transcendia qualquer explicação. De repente percebi-me inundada por uma alegria que me fazia estremecer, suspendia-me na imensidão do que é misterioso e fascinante. Um turbilhão de sensações prazerosas me transformaram em um vulcão em plena atividade.

De repente percebi-me sentada em uma cadeira de cor branca, cuja pintura desgastada deixava transparecer a madeira envelhecida. Ao meu lado, uma senhora de pele clara e sorriso sincero girava a colher no interior de uma xícara de chá de camomila, seus movimentos eram calmos e repetitivos, o toque da colher na xícara de porcelana produzia um ruído que soava como uma melodia que lembro até hoje, o aroma que fluía daquela pequena xícara me sobrevinha como um perfume que conheço até hoje. O olhar intercalava entre o chá e a minha figura, as conversas se estendiam acompanhadas pelo sol que se despedia do dia que findava, as risadas ganhavam diferentes entonações, desde a mais fina nota até o dó maior.

De repente me vi ao lado daquela que não está mais presente. De repente, senti aquele carinho que hoje está em falta. De repente, me vi na companhia daquela que deixou a cadeira vazia com a xícara de chá que já esfriou. Estava novamente ao lado da minha avó. Estava mais uma vez ao lado da senhora de olhar sincero. O que havia naquela xícara de chá que me fez rebuscar tantas lembranças? Que sentimento poderia ter esse poder de reconstruir e devolver-me com tanta emoção e afeto, um tempo que já se passou? O que estava sentindo verdadeiramente? Saudades...

Será a saudade-alimentação o tema a qual pretendo esmiuçar a partir desse texto, o assunto no qual mergulhei sem atentar para a profundidade de sua significância, sem temer o que posso encontrar nessa imersão desconhecida e deslumbrante que é a saudade e suas manifestações alimentares. Não tive receio do mergulho nesse mar de sentimentos. Pelo contrário, ansiei por cada gota de sensações únicas e prazerosas, por cada descoberta e

ensinamento. Neste estudo pretendi consumir as lembranças e descobrir o verdadeiro sabor que existe na saudade, degustando-a como a refeição mais desejada.

Escolhi falar de saudade e sua presença nos relatos alimentares por ser essa a minha história. Como muitos, cresci em um ambiente onde o alimento sempre esteve presente nos encontros de família, a mesa farta constituía um pano de fundo para os abraços que ali eram colocados em dia, para as conversas infinitas e afetos desmedidos. Da cozinha se vinha os ruídos e aromas que guardo até hoje, o borbulhar da água do café da tarde, o chiar do óleo quente fritando o ovo que completaria o sanduíche feito com cautela, a panqueca feita pelas mãos de minha mãe, o calor que fluía da sopa preferida do meu pai, o aroma do bolo quentinho feito pela minha avó.

São costumes e gostos alimentares de pessoas com quem vivenciei e que me foram incorporados suntuosamente ao ponto de tornarem-se meus. Hoje, ao consumi-los, embora não tão frequentemente, sinto um prazer que exclui qualquer explicação. São alimentos que degusto com carinho e afeto, são alimentos que nutrem o espírito mais do que o corpo. São memórias que me sobrevêm como uma moldura antiga que guarda uma fotografia de algo que significou e ainda significa e ao contemplá-la reconstruo cada momento de uma forma diferente, talvez mais intensa, ou mais branda. Refaço cada momento acrescentando a eles todo meu reflexo do hoje.

Porém, de todas as memórias que guardo comigo uma prevalece com mais intensidade: a senhora sentada na cadeira envelhecida. A senhora que em nossas conversas, transmitiu-me grandes ensinamentos, cedeu-me suas experiências de vida, seus costumes e práticas alimentares que serviam para todos os males.

Pergunto-me, então, se não seriam os velhos os verdadeiros manuais de alimentação saudável, para o corpo e para a alma. Questiono-me se não seriam eles a fonte de conhecimentos e preceitos que poderiam ser utilizados positivamente por uma Nutrição menos positiva, por isso os escolhi.

Escolhi os velhos. Optei por deixar à disposição o meu ouvido curioso e atento. Escolhi atentar para suas memórias alimentares muitas vezes esquecidas ou rejeitadas. Decidi ouvi-los. Apenas. Escolhi valorizar suas recordações antes que sejam desperdiçadas, como acontece na maioria das vezes, principalmente com idosos que residem em Instituições de Longa Permanência, cuja fala lhes é silenciada aos poucos, cujos desejos alimentares lhes são reprimidos em nome de uma padronização, e com eles o vigor, azáfama comezinha e emoção do

ato de se alimentar. Esse fator, é geralmente responsável pela problemática que atinge uma elevada parcela de idosos residentes em ILPI: a desnutrição. Por isso, pretendi resgatar memórias alimentares, e com elas, a saudade que tece com delicadeza, o tempo presente de idosos institucionalizados.

1 INTRODUÇÃO

Dados de 2012 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que 12,6% da população brasileira, até aquela data, possuía mais de 60 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014). Esse fato apresenta um desafio para a Saúde Pública brasileira, visto que a velhice é um período delicado e complexo na vida de um ser humano, que demanda atenção e, muitas vezes, cuidados especiais, devido às consideráveis modificações, pertinentes às esferas fisiológica, psicológica e social do indivíduo. Segundo Mendonça (2012), a progressão dessas alterações leva a modificações estruturais e funcionais nos tecidos do organismo, como diminuição da sensibilidade gustativa e olfativa, dificuldade na mastigação, diminuição de enzimas digestivas, resultando em dificuldades na digestão, entre outros.

Além disso, os idosos com frequência se percebem frente ao isolamento, à falta de apoio, às dificuldades em lidar com o próprio processo de envelhecimento e com outros fatores, como: ter que lidar com a morte de ente queridos, o abandono familiar, as dificuldades para se manter financeiramente, o que pode desencadear doenças físicas e, principalmente, psíquicas (MARIN et al., 2012, p. 148). O idoso, portanto, depara-se assim com um esfacelamento do seu espaço social, subjetivo e autônomo, na medida em que são retiradas do seu meio todas as condicionantes que estruturavam e concediam sentido à sua vida pessoal e social, induzindo-os a uma condição de completa dependência (BESSA; SILVA, 2008).

Deste modo, o aumento das debilidades e a perda de autonomia para realizar as atividades comuns do cotidiano, implicam no aumento da demanda por cuidados de longa duração, que são muitas vezes realizados por Instituições de Longa Permanência para Idosos, as chamadas ILPIs (CAMARANO, 2010). As ILPIs são “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos”, que objetivam permitir aos idosos reconstruírem seu cotidiano através do estímulo de todos os seus sentidos e subjetividades (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2005, p. 2).

Malgrado o empenho das instituições, sejam elas filantrópicas, públicas ou particulares, e dos seus gestores e cuidadores, na maioria das vezes, tal descrição não condiz com o cenário encontrado nas ILPIs, pois

o idoso institucionalizado é geralmente uma pessoa desmotivada para a vida, sem expectativas e com esperanças de retorno ao ambiente familiar [...] Para o idoso institucionalizado, as perdas são muitas, e isto justifica a grande incidência de estados depressivos, sentimentos de solidão e limitação das possibilidades de uma vida ativa. (MARIN et al., 2012, p.148).

Além do componente fisiológico já mencionado, viver institucionalizado pode influenciar diretamente na ingestão alimentar desses idosos, visto que o comportamento alimentar é influenciado também por fatores culturais, sociais e psíquicos. Segundo Maciel (2001, p.151) “a comida envolve emoção, trabalha com a memória e os sentimentos”. Comer não diz respeito a “uma simples incorporação de material nutritivo necessário, possui um profundo significado social e psicológico, [...] acompanhada de uma gama de afetos e simbolismos” (CEREZZETI, 2000, p. 1331).

Sabe-se que a comida está relacionada aos laços sociais, às lembranças, às emoções e aos sentimentos que nos remetem frequentemente às memórias do passado e dos indivíduos com quem nos relacionamos (ASSUNÇÃO, 2008). Respeitar essa relação é ligar o indivíduo à sua intimidade, é considerá-lo sujeito. Infelizmente, a alimentação oferecida nas instituições, geralmente monótona e padronizada, faz com que haja uma diluição das questões ligadas à subjetividade alimentar. Assim, os sabores do passado são paulatinamente esquecidos. (SILVA; SILVA; MURTA, 2013, p. 230-231). A resultante deste processo pode ser a desnutrição, uma enfermidade “que atinge de 20 a 80% dos idosos em instituições de longa permanência”. (GALESI et al., 2008, p. 284)

O objetivo deste trabalho foi, portanto, dialogar com essa dimensão ainda silenciada nos trabalhos sobre idosos em ILPIs, a subjetividade alimentar, que será abordada por meio das narrativas da saudade: como a saudade influencia os relatos alimentares de idosos institucionalizados? Esta reflexão constituiu-se, como um caminho para enfrentar as problemáticas que perpassam a alimentação em instituição de cuidados de longa permanência.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Dialogar com os relatos da saudade presente nas narrativas alimentares de idosos institucionalizados.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Elencar os alimentos apresentados como motores do sentimento de saudade.

Conhecer os elementos fundantes da saudade nos relatos dos idosos pós-institucionalização.

Conhecer as ambiências onde a saudade ganha destaque.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Muito se fala sobre a velhice e suas diversas concepções, bem como, sobre as dificuldades encontradas por esse público que, ao envelhecer, se percebe frente à necessidade de reestruturar-se e adaptar-se ante às mudanças sociais, fisiológicas e psíquicas impostas pelo novo *status*, que modifica, esfacela e inova de forma considerável, não só o cotidiano desses idosos, mas, também, o próprio indivíduo com toda sua subjetividade e sua rede de relações.

Apesar destas pré-concepções, é preciso ver o envelhecimento como um processo natural que necessita de adaptações às mudanças que vão ocorrendo ao longo da vida (ZIRMEMAN, 2007). Envelhecimento não é sinônimo de doença: “envelhecer é um processo natural, gradativo e contínuo que todos os seres humanos passam, começa no nascimento e se prolonga por todas as fases da vida” (ALFEDT, 2013, p. 22). Já a velhice é um termo que carrega outro significado. Para os autores Ferreira, Cunha e Menut (2010, p. 122), a velhice está associada à perda, incapacidade, dependência, impotência, decrepitude, doença, desajuste social, baixos rendimentos, solidão, viuvez, cidadania de segunda classe e assim por diante. A velhice vem geralmente acompanhado de associações a “sentimentos destrutivos, de inutilidade e perda, situação que agrava ainda mais a condição existencial do idoso, pois aumenta seus conflitos internos” (ALFEDT, 2013, p. 29).

O que o termo envelhecimento nos mostra é que, os indivíduos nessa fase da vida podem enfrentar, de fato, algumas alterações fisiológicas naturais, a exemplo do que ocorre no trato gastrointestinal¹, mas envelhecer também pode ser uma fase de conquistas, alegrias e realizações. (KUZNIER, 2007, p. 8). Segundo Pelzer e Sandri (2002, p.119)

o idoso é um ser em transformação, podendo ainda amar, empreender, trabalhar, criar, em suma, viver. Na nossa sociedade, muitas vezes, nos esquecemos de que o mundo dos afetos não sofre um processo de deterioração com o avançar dos anos: cada um de nós tem o desejo de amar e ser amado, ser útil e independente e sentir o significado profundo que representa a sua existência ao longo do curso de vida.

¹ Algumas das alterações fisiológicas: disfagia, diminuição da mucosa gástrica e acloridria; alterações na cavidade oral como perda dental e xerostomia, que prejudicam a mastigação e deglutição; perda da visão e audição, mudanças no sistema imunológico, e ainda, alterações relacionadas ao paladar, olfato e tato. (WELMAN; KAMP, 2014)

O envelhecimento com plenitude exige, para sua concretização, condições sociais, atenção à saúde, valorização dos anseios do idoso e apoio durante todo o processo. Para isso, deve-se haver um prévio planejamento, em termos de Saúde Pública, que contemple o idoso como passível de direitos e desejos, de maneira a proporcionar um envelhecimento mais promissor aos atuais e futuros idosos (KUZNIER, 2007). O que mostra-se desafiador em nossos dias. Estima-se, segundo estatísticas publicadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), que a população mundial de idosos atingirá 1 bilhão e 100 milhões no ano de 2025 (PITANGA, 2006, p.22). Segundo França (2011, p. 49), “no futuro seremos [no Brasil] a sexta população mais velha do mundo”.

“O aumento do número de idosos acompanha também vários problemas nos setores da saúde, da assistência social, no mercado de trabalho, na infraestrutura urbana e nas políticas públicas” (ALFEDT, 2013, p. 34). O que deve vir acompanhado por um aumento de política públicas dirigidas a este público que estimulem o chamado “envelhecimento ativo”, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”, e de conceder apoio a esta população no momento em que necessite de assistência (BRASIL, 2007, p.11).

Uma das formas de assistir essa população é por meio das instituições que fornecem cuidados de longa duração, as as Instituições de Longa Permanência para Idosos, as chamadas ILPIs. Tais instituições têm ganhado relevância ao exercer sua função de amparo e reconstituição da vida daqueles agora incapazes de segui-la por conta própria, mas, também, tem se tornado alvo de questionamentos e embates, quanto às problemáticas observadas na vida dos que nela habitam.

O surgimento de instituições para idosos não é recente. O cristianismo foi pioneiro no amparo aos velhos: “há registro de que o primeiro asilo foi fundado pelo Papa Pelágio II (520-590), que transformou a sua casa em um hospital para velhos” (ARAÚJO; SOUZA; FARO, 2010, p. 252). “As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são definidas como instituições tanto governamentais como não governamentais, voltadas para o domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, de caráter residencial e que podem ou não ter suporte familiar, respeitando as condições de liberdade, dignidade e cidadania” (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2005). Considerando os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, a

população de idosos institucionalizados no Brasil pode chegar a mais de 200 mil internos na atualidade (ROZENDO, JUSTO, 2012, p. 26).

“A busca por Instituições de Longa Permanência para Idosos surge como uma alternativa para as famílias de nível socioeconômico baixo ou para idosos que perderam vínculos com seus familiares” (SANTELLE; LEFÈVRE; CERVATO, 2007, p. 3061). Dentre os vários motivos designados a ocorrência da institucionalização, estão as dificuldades das famílias em acolhê-los por falta de recursos, por incapacidade de oferecer algum cuidado específico de saúde, pelas dificuldades de encontrar um cuidador e outros, como: pobreza, viuvez e opção do próprio idoso por se achar um entrave para a família. (MARIN et al, 2012, p. 148)

Dessa forma, as ILPIs exercem dupla função no acolhimento às pessoas idosas: uma relacionada ao cuidado das necessidades do idoso de acordo com seu grau de dependência dos residentes e outra referente-se ao aspecto dos vínculos e papéis sociais, tanto no convívio no ambiente interno da instituição, quanto com a comunidade inseridas nesse contexto (CREUTZBERG, 2005). “Cuidar é uma atividade que vai muito além do atendimento às necessidades básicas de cada ser humano, no momento de fragilidade”. (SILVA; SANTOS, 2010, p. 776). Fala-se em cuidado integral do sujeito.

Assim, as ILPIs necessitam de uma equipe multiprofissional, que possa desenvolver um trabalho direcionado ao cuidado adequado dos idosos residentes, proporcionando-lhes uma vida satisfatória (MARISCO, et al., 2012, p. 171). No entanto, “normalmente são locais com espaço e áreas físicas semelhantes a grandes alojamentos. Raras são as que mantêm pessoal especializado para assistência social e à saúde ou que possuam uma proposta de trabalho voltada para manter o idoso independente e autônomo”. (DAVIM et al., 2004, p. 520)

Para Novaes (2003), esses ambientes possuem simbologias sustentadas por pilares históricos, sendo considerados muitas vezes como agrupamento de “velhos”, como lugar onde vivem aqueles que foram deixados de lado, esquecidos pela sociedade. Ambiente muitas vezes considerado como um espaço de solidão e dominação, um local para morrer.

O isolamento e o gradual esfriamento das relações com as pessoas a quem eram afeiçoados e a separação do calor humano familiar e do círculo de amizades faz com que o sofrimento se instale. Isso faz do asilo uma perspectiva assustadora e inevitável para alguns idosos (ALFEDT, 2013, p.51).

Se por um lado as ILPIs desempenham o papel de acolher os idosos em processo de

exclusão social, por outro, acabam confinando-os. Suas normas internas acabam por contribuir para uma ruptura do idoso com seu meio social pré-institucionalização. O que, frequentemente, resulta em idosos indiferentes, desmotivados e carentes (ARAÚJO, 2010, p. 259).

Todos os aspectos da vida são realizados em um mesmo local, sob a autoridade de uma única pessoa, ou seja, o interno perde o direito de ir e vir e o controle sobre si mesmo, tendo que obedecer a regras, mesmo que desconhecendo de onde elas se originam, [...] desconsideram-se as preferências e a personalidade de cada um que passa a ser tratado mais como um número do que como uma pessoa; todas as atividades e tempo são rigorosamente controlados, [...] com a finalidade de atingir de forma eficiente, os objetivos aos qual a instituição se propõe. (LOCATELLI, 2012, p. 57).

Dessa forma, o “deslocamento para a instituição impõe alterações na rotina diária dos idosos, que podem acarretar modificações nos hábitos alimentares e fragilizar a saúde desses indivíduos, sobretudo na área da nutrição” (SANTELLE; LEFÈVRE; CERVATO, 2007, p. 3061). Como ressalta Monteiro (2009), vários são os fatores que condicionam e justificam a depleção alimentar do indivíduo idoso, dentre eles: as alterações que ocorrem nas papilas gustativas, na capacidade de mastigação, digestão e absorção, as doenças crônicas, uso de medicamentos, ressaltando ainda o fator emocional e mental, como relevantes para a ingestão alimentar de tais idosos.

Tais condicionantes podem resultar em quadros de desnutrição, comumente observados nesta população, principalmente, nos idosos residentes em Instituições de Longa Permanência. Em um estudo realizado por Cantarelli (2013), com o objetivo de analisar o perfil antropométrico de 28 idosos residentes em ILPI pública, constatou-se que 17,8% desses idosos apresentavam estado nutricional de desnutrição. Outro estudo executado por Félix (2009) com idosos institucionalizados, identificou que 31,8% das idosas apresentavam-se em estado nutricional de magreza, seguidos de 50% em risco de desnutrição, com resultado equivalente nos idosos com proporções de 27% e 47%, respectivamente. Resultado semelhante ao encontrado no estudo de Segalla (2011), feito com 135 idosos institucionalizados, que demonstrou que a maioria (50,5%), apresentava estado nutricional de magreza.

Quando em ILPIs, os idosos consomem aquilo que é oferecido, no horário já preestabelecido, sem levar em consideração suas preferências e desejos, sem sua inclusão em qualquer instância do processo alimentar. O que pode contribuir para um esfacelamento da sensação de bem-estar, pois: “os alimentos estão fortemente relacionados com a identidade e o

sentimento de pertencimento social das pessoas, com a sensação de autonomia, com o prazer, e, conseqüentemente, com o estado de bem-estar” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p. 16).

Portanto, algumas perguntas se fazem tão importantes quanto necessárias: qual impacto sofrido na alimentação do idoso pós-institucionalização? Qual a consequência resultante da realização de uma alimentação coletiva? Como o idoso enfrenta essa questão ante toda a subjetividade existente na comida?

A alimentação é um fenômeno constituído de várias facetas que se interligam continuamente de modo a suprir as necessidades fisiológicas, culturais e subjetivas que circundam o ser humano em sua integralidade. Porém, vale ressaltar que, o aspecto biológico ainda ganha destaque e relevância quando o assunto é tratado pela via institucional. Desconsidera-se, na maioria das vezes, todo o simbolismo e ritualização presentes no simples ato de comer, o que acarreta em uma redução da ingestão alimentar ou desprazer ao realizá-las, sendo este fato comumente observado na prática alimentar de idosos em ILPIs.

Certamente, “a ingestão de nutrientes, propiciada pela alimentação, é essencial para a boa saúde. Igualmente importantes para a saúde são os alimentos específicos que fornecem nutrientes e as inúmeras possíveis combinações entre eles e suas formas de preparo” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p.15). Porém, designar à alimentação uma função unicamente nutricional, implicaria subtrair de sua composição, todas as outras dimensões que lhe são inerentes.

Nota-se que, a relação entre o homem e a comida é delicadamente complexa. “O ‘universo alimentar’ de cada grupo social é carregado de simbolismos, traz consigo ideias, compreensões, formulações, classificações que enriquecem a noção básica de alimentação para muito além de uma simples forma de nutrir-se” (MAGALHÃES, 1995, p. 18). “A comida pode ter uma conotação emocional importante para um indivíduo ou para um grupo, [...] é possível afirmar que, além do simples ato de comer, o ser humano resgata dos alimentos e da prática de se alimentar outros fatores relevantes para sua vida” (BOFF, apud SILVA E CÁDERNAS, 2004, p.53).

Giard (2008, p. 249, grifo nosso) retrata em sua perspectiva, que:

Comemos aquilo que nossa mãe nos ensinou a comer, ou, o que a mãe de nossa mulher lhe ensinou a comer. Gostamos daquilo que ela gostava, do doce ou do salgado, de geléia da manhã ou dos cereais, do chá ou do café, do azeite de oliva [...] de tal forma que *é mais lógico acreditar que comemos nossas lembranças*, as mais seguras, temperadas de ternuras e ritos, que marcaram nossa primeira infância.

A comida evoca a lembrança de um passado, traz à memória consciente o que está encoberto nas profundezas do inconsciente. Ela sempre pode ser avivada e ser revivida. Ela é boa para o coração. Alimenta o espírito da vida. Vem saturada de sentido que transluz e transparece em sua materialidade de comida (BOFF, apud SILVA E CÁDERNAS, 2004, p.59). Lembrar-se das comidas, onde as famílias e os amigos se encontravam e compartilhavam a mesa, traz ao idoso uma sensação de alegria e felicidade, o que se intensifica em ILPIs, vistas como ambientes de ausências, onde o ato de comer transmuta-se em uma verdadeira linguagem do passado, sublinhado e destacado pelo sentimento tenro de saudades, presentes no cotidiano desses indivíduos (SILVA; CÁRDENAS, 2007, p. 61).

Pode-se relatar assim que comemos nossas memórias mais significativas, como completa Giard (2008, p. 255):

Memórias obstinadamente fiéis aos maravilhosos tesouros dos sabores de infância. Bolo de amêndoa cujo sabor secreto ainda continuava vivo na mente de meu pai, já velho e doente, sabor que desapareceu com a avó dele, tão querida, que morreu no começo do século, antes que ele completasse sete anos. E aqueles ovos nevados que um amigo meu já de certa idade me olhava pedir num restaurante, ele mesmo proibido de comer tal guloseima, mas justamente aquele manjar que lhe trazia à memória o sabor de seus primeiros sucessos escolares, assim recompensados à mesa familiar.

“A comida desperta lembranças que permitem reconstruir a memória, o que possibilita redefinir e reconstruir identidades” (SANTOS, 2005, p.18). Segundo Roberto da Matta (1986, p. 33-34), “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere”.

Percebe-se assim, uma subjetividade circundada no ato de se alimentar, que ultrapassa a função de nutrir o corpo, alcançando o limiar dos desejos e satisfação encontrada, por exemplo, nas evocações de lembranças prazerosas e afetivas da memória gustativa. Memória que parece suprir suntuosamente a necessidade da alma, circundadas por sentimentos de saudades que invadem e norteiam cada lembrança reconstruída, constituindo assim, uma comida nostálgica, que se assemelha a comida de alma, que nas palavras de Nina Horta seria:

Aquela que consola, que escorre garganta abaixo quase sem precisar ser

mastigada, na hora da dor, de depressão, de tristeza pequena. [...] Dá segurança, enche o estômago, conforta a alma, lembra a infância e o costume. É a canja de mãe judia, panacéia sagrada a resolver os problemas de náusea existencial. [...] Comida de alma tem de ser neutra. [...] A temperatura deve estar entre ambiente e morna. [...] Tudo tem de ser especial na comida de alma. [...] A comida, de preferência, deve ser bebida aos goles ou tomada de colher. [...] de se comer com lágrimas nos olhos [...] detonadora de lembrança. (HORTA, 1996, p. 15-16)

Não seria essa a chave para conhecer a *madeleine* proustiana dos idosos institucionalizados? Sabe-se que as práticas alimentares, principalmente para os idosos, estão estritamente relacionadas com a memória. (WAHLQVIST; KOURIS-BLAZOS; HSA-HAGE, 1997) Por meio das lembranças, elas trazem de volta e reconstróem os momentos mais singelos rebuscados na memória adormecida, concedendo significado e sentido a vida pelo qual o indivíduo é autor, entrando em cena todas suas subjetividades e afeições. A protagonização da memória alimentar, pode ser percebida claramente na obra literária do escritor Marcel Proust, *No Caminho de Swann* (1981), na qual, o autor exala em suas palavras um sentimento que transcende a memória em sua forma mais elementar, preenchendo-a de sentimentos saudosistas que envolvem com carinho, emoção e prazer, um momento significativo e singelo de sua vida.

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? (PROUST, 1981, p. 45-46).

O autor se descobre invadido por uma alegria inesperada e avassaladora que flui do mais profundo do seu inconsciente, levando-o de volta para seu tempo de infância, através do sabor e do simples gesto de embeber a *madeleine* em chá. Ao prová-la, ele parece existir em dois tempos distintos, que agora homogeneizavam-se em um só: o tempo onde a saudade invade suas palavras de maneira suntuosa e delicada, externando suas sensações mais intrínsecas, refratárias a qualquer esforço da memória consciente.

[...] de súbito a lembrança apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de Madeleine que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da

missa) minha tia Leonie me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto (PROUST, 1981, p. 46-47).

Nesse contexto, faz-se necessário definir, a distinção entre memória e saudade que apesar de estarem relacionadas, não se constituem sinônimos. Porém, vale evidenciar que para se falar em saudades é necessário, antes de qualquer coisa, falar em memórias, pois a saudade pode ser entendida como a memória desejada e significativa (NASCIMENTO; MENANDRO, 2005).

Chapoutier (2005, p. 9) define a memória como a capacidade de armazenar dados ou informações sobre o meio que nos cerca, é por meio dela “que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida”. A memória armazena e retém acontecimentos que são evocados pelas lembranças. Segundo Bosi (1994) as lembranças constituem-se como a sobrevivência do passado que submergem na consciência humana sob forma de imagens reconstruídas. Estas definições referentes a memória e lembrança, permite a estruturação de uma delicada distinção entre ambas: “a lembrança é um componente da memória (um não existe sem o outro) no processo de atualização do passado, quando evocado.” (RIBEIRO, 2007, p. 1)

A memória permite a relação do corpo presente com o passado, e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

Jedlowski (2001, p. 29), conceitua a memória como, "a faculdade humana de, preservando certos traços de experiências passadas, dar acesso a esses através de lembranças". “Essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens” (BOSI, 1994, p. 46). A lembrança é a sobrevivência do passado, grafado na memória e redescoberta no hoje. “Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Assim, o passado é refletido e reformulado sob as lentes do presente.

A saudade por sua vez, é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos do seu ser ou dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou

temporais, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história (MUNIZ; DURVAL, 2006, p. 65).

Assim, a saudade está estreitamente associada à memória, porém, são definidamente distintas. Pode-se relatar de forma mais esclarecedora que memória refere-se ao ato de lembrar, sendo a saudade o ato de lembrar com emoção e desejo, que surge do mais profundo da alma e aviva-se no cotidiano daqueles que se permitem recordar, inquietando o presente e resultando em calorosas e agradáveis sensações. Segundo Nascimento (2004), o elemento saudoso permite ao indivíduo intercalar o presente e passado, através de um tratamento afetivo da memória que já está desde sempre entendido. Diferentemente da memória a saudade é sentida somente por aquelas experiências agradáveis e prazerosas de outrora, sendo a mesma facilmente perceptível nos relatos alimentares de idosos institucionalizados que vivem relativamente em ambiente construído de saudades.

A saudade é uma emoção que se liga ao tempo (PASCOAIS 1986). Mas, o que é a emoção? Inerente ao ser humano em seu pertencimento mais íntimo e elementar, a emoção ainda é um arcabouço inacabado de conceitos e formulações que as transformam em um campo de estudo apreciado por pesquisadores curiosos por decifrá-la e interpretá-la. Torna-se, também, inspiração contínua de músicos, poetas e escritores que buscam revelar, seja em suas notas musicais ou na ponta do lápis, a sua tradução ou expressão. Muitos o fazem para simplesmente afirmar que nenhuma explicação se faz necessária, bastando sua própria essência no ser natural: não necessitando de explicações ou justificativas que desloquem o olhar universal das emoções para um âmbito complexo de construções científicas. Sendo esse um componente relevante e perene nas ações, relações e análises humanas, soa como estranha a permanência de definições ainda tão obscuras e indecifráveis.

Trabalhar com as emoções exige, antes de tudo, delinear uma concepção – ainda que iniciática- dos diversos conceitos e expressões, que busquem um consenso quanto ao seu entendimento e determinação.

A emoção, segundo o *Dicionário Técnico de Psicologia* (CABRAL, 2006, p. 98), é um “complexo estado orgânico, de intensidade variável, acompanhada habitualmente de alterações víscero-musculares (respiratórias, circulatórias, exsudatórias, etc) e de excitação mental muito

acentuada”. Espíndola (2012, p. 39) define ainda a emoção como um fenômeno no qual se podem caracterizar três estados: sentimento, resposta fisiológica e comportamento.

O *Dicionário de Ciências Humanas* (DORTIER 2010, p. 166), em uma tentativa de sugerir características a este estado do homem - que de antemão coloca sob tutela do biológico, do filosófico, do antropológico e, também, do psicológico - afirma que a emoção (1) deve ter um início e um fim, que ligam-se à sua causa, (2) varia em intensidade e (3) produz um efeito corporal.

No caso desta pesquisa, pode-se perceber que a saudade, enquanto emoção, liga-se à permanência da presença de um passado nos relatos, tendo frequentemente como marco o momento da institucionalização dessas pessoas (causa). O pesar produzido é intenso e relaciona-se com diversos efeitos corporais (como a desnutrição) e cognitivos (como a depressão) que podem ser facilmente percebidos quando se fala sobre idosos institucionalizados.

Silva (2014), em seu estudo sobre os ricos nutricionais em idosos residentes em ILPI, ressalta que a institucionalização pode trazer sentimentos de abandono, solidão, tristeza e até mesmo depressão para idosos que não adaptados à vida asilar. Assim, uma autoestima reduzida, poderia influenciar, o consumo alimentar e conseqüentemente o estado nutricional desses idosos. A depressão tem sido identificada como uma das principais causas de perda de peso não intencional em pessoas idosas (CENTURIÓN et al., 2010).

Desafiando as perspectivas teórico e metodológicas que remetem às emoções um caráter estritamente inato ao ser humano, Rezende e Coelho (2010), em seu livro *“Antropologia das emoções”*, esmiuçam com cautela as dimensões da emoção enquanto objeto de estudos sociais. As autoras questionam com precisão, e colocam em discurso reconstrutivo, as afirmações que posicionam e definem os sentimentos como experiências individuais, refletindo-se como um “instinto” humano circundado por uma notável essência universal e imutável, que se repulsa ante a uma ideologia socioantropológica.

Para as autoras, a convicção de que os sentimentos têm uma natureza unicamente universal, biológica e psicológica inerente a espécie humana, faz parte do senso comum ocidental, que os considera um aspecto da natureza humana marcado pelas ideias de “essência” – no sentido de uma universalidade invariável- e de “singularidade”, como algo que provém

espontaneamente do íntimo de cada um. Tentam, ao contrário, construir as emoções como um objeto social é inseri-las no rol daquelas dimensões da experiência humana, às quais, apesar de concebidas pelo senso comum como “naturais” e “individuais”, estão muito longe de serem refratárias à ação da sociedade e da cultura (REZENDE; COELHO, 2010, p. 12-20). Por exemplo, relaciona o nascimento da sociedade burguesa ao princípio de uma cultura de controle das emoções. Afirmam que a existência dessas regras de expressão afeta de maneira considerável tais manifestações não unicamente de acordo com os contextos sociais, como também entre as diferentes sociedades. Para ilustrar, as autoras apresentam o exemplo do luto que é sentido de maneira distinta entre as sociedades, existindo normas para as expressões das emoções nessas situações, independente do indivíduo sentir tristeza ou pesar pela pessoa falecida, em determinados lugares pode-se chorar copiosamente, em outros, pede-se expressões mais contidas. As autoras contextualizam o pensamento de Marcel Mauss, refletido em torno do indivíduo\sociedade, demonstrando o caráter ritualizado das expressões dos sentimentos, obedecendo momentos socialmente demarcados. Gritos e lamentos não seriam apenas expressões externas de sentimentos individuais, mas, formas de expressão socializadas, uma linguagem na qual os sujeitos se comunicam em formas socialmente produzidas.²

Andrade (2011, p. 30) também afirma que as palavras que as diferentes sociedades empregam para os vários estados emocionais conferem a estes seus significados culturais e prescreve o que e como se deve se manifestar em certos contextos. O que destaca, novamente, o caráter multidimensional das emoções.

No caso deste trabalho o aqui deseja-se destacar é esta relação entre alimentação e emoção, especificamente a saudade. Lupton (1996, p. 30) destaca que há uma relação simbiótica entre alimentação e emoção. O ato de comer, do que comer ou do não comer, frequentemente, torna-se uma forma de comunicar emoções. Saudade, raiva, medo, angústia, alegria, desfilam à mesa.

² Em relação à alimentação as formas de controle que emergiram com a sociedade burguesa marcaram, na sociedade ocidental, o uso de talheres à mesa, o banimento do hábito de se assoar e de arrotar, dentre outras. Ver mais em: ELIAS, Norbert. O processo civilizador: **Uma história dos costumes**. v. 1, Brasil, Zahar, 2000.

Sabe-se que, ao alimento são designados além da sua composição nutricional e sensorial, uma gama de valores que concede a ele um caráter subjetivo e social. Os hábitos alimentares são o produto da interação entre a biologia, a cultura e o meio ambiente que vão sendo transmitidos de uma geração a outra. Trata-se, portanto, de aspectos profundamente enraizados (SILVA; CÁDERNAS, 2007). Koerich e Silva (2014) enfatizam que o ato de alimentar-se está ligado aos usos costumes, condutas e situações, assemelhando-os a espelhos que marcam e retratam uma determinada época ou situação. O ato de comer, não seria então, uma ação que suscita e transparece nesses espelhos contextuais, profundas emoções?

Para Maciel (2001), a comida envolve emoção, desperta e mobiliza a memória e os sentimentos mais sutis. A comida –ato de comer- provoca e emana sentimentos de alegria, gratidão e prazer, concedendo ao indivíduo a sensação de plenitude e graciosidade, que, suntuosamente, saciam a alma faminta pelo que é prazeroso, pelo que é tão intenso e intangível quanto o tempo que se deserta ante ao que é compreensível e controlável. A comida revela ao outro e a nós mesmos. Diane Arckeman (1996, p. 171) afirma, que:

nossos outros sentidos podem ser apreciados em toda sua beleza quando estamos sozinhos, mas o paladar é extremamente social. Os seres humanos dificilmente escolhem fazer as refeições em solidão. Geralmente, comemos com nossas famílias, sendo fácil perceber como partir o pão juntos representa o elo que une um estranho ao grupo familiar.

O ato do compartilhamento à mesa desenha com clareza tal pensamento, pois, traz consigo a alegria desinibida e inconsciente, emanada pela presença da família, o sentimento de paz advindo pela sensação de cuidado e proteção, afinal, não seria emotivo a comensalidade compartilhada em volta da mesa, ou, não o seria também a simbologia vinculada ao ato de cozinhar com a presença de alguém querido? Como bem afirma Diane Arckeman (1996, p.163) “um companheiro é uma pessoa que come o pão com outra”. “As pessoas que compartilham uma refeição gostam de sentar-se em torno de uma mesa e conversar, como um gesto de paz e hospitalidade” (SILVA; CÁDERNAS, 2007, p. 53).

Nesse contexto, algumas perguntas suscitam em meio ao tempo que transmuta a vida do velho institucionalizado: Qual a influência da saudade nos relatos alimentares de idosos

residentes em ILPIs, sendo os mesmos submetidos a uma padronização alimentar rigidamente controlada? Qual sabor da saudade para esses idosos, onde a alimentação é muitas vezes imposta e não desejada? Para a compreensão desta relação complexa que se estabelece entre a saudade e a alimentação é que este estudo se fez necessário e, sobretudo, desejado.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DA PESQUISA

Esta pesquisa é um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa pretende abordar, entender e esmiuçar o mundo e a forma como as pessoas o constroem a sua volta, o que estão fazendo, a maneira como vivenciam os acontecimentos, em termos que tenham sentidos e condicionem uma visão rica e detalhista, levando em consideração as particularidades do indivíduo (FLICK, 2008).

Algumas características identificam a pesquisa qualitativa, tais como: leva em consideração o contexto e os casos para entender uma questão em estudo, os pesquisadores interessam-se no contato com as experiências, interações e documentos em sua forma original, cedendo espaço para as individualidades e aos materiais que são estudados. Os métodos podem ser adaptados e novas abordagens podem também ser desenvolvidas. (FLICK, 2008).

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se na instituição de longa permanência filantrópica para Idosos, intitulada *Lar dos Mestres da vida*, localizada no município de Caraúbas-RN. A instituição abriga idosos com faixa etária superior a 60 anos de idade, saudáveis ou não, de ambos os gêneros, que tenham sido institucionalizados por conta própria ou por responsabilidade de terceiros.

A pesquisa realizou-se com idosos que apresentaram condições físicas e cognitivas preservadas e, ainda, que aceitaram integrar a amostra do estudo de forma essencialmente voluntária.

4.3 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Alcides Carneiro-HUAC. Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB. Os participantes de pesquisa receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), que explicita a garantia da privacidade de suas identificações e das informações obtidas na coleta de dados. O termo apresentou em sua

constituição, a intitulação e objetivo da pesquisa, bem como, a breve descrição de suas etapas de desenvolvimento.

4.4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

4.4.1 Seleção de sujeitos e número da amostra

Os idosos foram selecionados em um primeiro momento por meio de uma nomeação realizada pela responsável pela direção da ILPI, que elegeu dentre os idosos residentes, pelo menos quinze, com condição cognitivas e físicas para participarem da pesquisas. Foi realizado uma espécie de piloto com esses idosos para que a equipe pudesse se certificar dos métodos e sujeitos selecionados *a priori*. Em um segundo momento, ajustes foram realizados no sentido de rever o guia de questões e de selecionar dentre os participantes aqueles que se apresentassem aptos à execução da narrativa.

A entrevista realizou-se sem limite de tempo. A fala do sujeito caracterizou-se como a própria demarcação para o fim da narrativa. Como critério de finalização de coleta de dados, aquele que estabelece o número da amostra, foi utilizado o critério de saturação. A saturação ocorre no momento em que as falas se tornarem redundantes e sem nenhuma novidade a acrescentar, sempre tendo como eixo balizador as questões de partida da pesquisa. Segundo Bauer e Gaskell (2007), a saturação ocorre em uma média aproximada de 15-25 entrevistas. Nesta pesquisa a saturação ocorreu com sete entrevistas.

4.4.2 Coleta de dados

Inicialmente realizou-se uma análise do ambiente, no que diz respeito a estrutura física, rotina diária dos moradores, condições de relacionamento entre os residentes e funcionários e, ainda, entre os próprios residentes da instituição. Para melhor desenvolvimento da coleta, foi executado um contato prévio com os sujeitos da pesquisa, por meio de visitas contínuas, com intuito de estabelecer vínculos de confiança entre entrevistador e entrevistado. Para tanto, durante as visitas, foram desenvolvidas conversas informais e contínuas com os idosos, sublinhando a importância do diálogo para estabelecimentos de laços de amizade e confiança. Além disso, as visitas contemplaram a exposição de filmes e leitura de poesias, cuja temática ressaltaram a

velhice, como fase de alegria e realizações e, ainda, destacando a memória gustativa enquanto via de atribuição de sentido e satisfação ao cotidiano e ao próprio indivíduo com toda sua subjetividade.

Para coleta de dados utilizou-se a metodologia da entrevista narrativa, que objetivou recompor a história oral dos sujeitos, utilizando a memória como fonte e elo condutor de sua narração. “A narração biográfica é sempre a explicação das experiências vividas no passado, tal como elas são compreendidas pelo indivíduo em sua situação biográfica atual”, possibilitando uma percepção e compreensão do idoso, no âmbito de sua formação social, cultural, econômica e psicológica (FANTON, 2011, p. 533).

Como afirma Bosi (1994, p. 85), “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”. “De modo sucinto, podemos afirmar que cada enunciado integrante da narrativa é a expressão significativa de uma experiência vivida pelo entrevistado dentro de determinado contexto social” (FANTON, 2011, p. 534).

Esta entrevista narrativa pretendeu-se principalmente a escutar as vozes dos indivíduos, como instrumento capaz de resgatar, reconstruir e até ressignificar a realidade e suas diversas interpretações, sem preocupar-se na validação das informações. Os relatos, definitivamente únicos e pessoais, não precisam de justificativas ou julgamentos prévios, pois

o narrador é um mestre de ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência: sua lição ele extraiu da própria dor, sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 1994, p. 91).

A entrevista narrativa, iniciou-se com a abordagem de um ponto específico referente ao conteúdo que se pretendeu alcançar. “Para isso, a pergunta inicial realizada pelo pesquisador deve ser extremamente ampla e não envolver quaisquer conceitos ou expressões linguísticas alheias ao indivíduo entrevistado.” (FANTON, 2011, p. 532). Assim, o entrevistador motivou e deixou o entrevistado à vontade, para expor sua história de vida, sem interferir ou induzir na narrativa do mesmo. O ponto inicial para o desenrolar da entrevista relacionou-se com a história alimentar do indivíduo, anterior e posterior a institucionalização. Este tópico encontra-se registrado no

Apêndice A, juntamente com as devidas questões exmanentes.³

Especificamente, a técnica da entrevista narrativa utilizada nesta pesquisa foi aquela proposta por Jovchelovich e Bauer (2003). Nela, a investigação inicia-se com a exploração do campo e formulação das perguntas exmanentes e, em seguida, se organiza a entrevista em quatro fases, sendo elas:

1. Inicial: Permissão para gravar. Formulação de tópico inicial para narrativa.
2. Narração central: Fornecer apoio não verbal (hmm, sim, sei) até que o entrevistado sinalize o fim da narrativa. “É tudo que você gostaria de contar?”.
3. Fase de perguntas: Eliciar material novo além do gerado pela narrativa. Traduza suas questões exmanentes em imanentes, empregando somente as palavras utilizadas pelo entrevistado. Não aponte contradições na narrativa. Não peça porquês e justificativas.
4. Fala conclusiva: Gravador desligado. Questões que poderiam não ser trazidas à tona no ambiente “formal”. Aqui questões que solicitam justificativas e porquês podem ser empregadas. Anotar no diário de campo.

Os relatos obtidos na narrativa foram prontamente transcritos de maneira integral e imediatamente foram registrados comentários sobre o contexto, personalidade e atitudes demonstradas pelo sujeito no decorrer da entrevista. Vale ressaltar que a escuta da gravação foi realizada tantas vezes quantas necessárias para se detectar informações necessárias à compreensão do material.

4.4.3 Análise de dados

Os documentos obtidos após a transcrição foram adequadamente examinados pela análise de Schütze (JOVCHELOVICH; BAUER, 2003). Esta metodologia é utilizada para análise de narrativas e comporta seis fases:

- (1) Transcrição detalhada do material verbal;
- (2) Divisão do texto em material indexado e não-indexado, sendo indexadas os dados

³ Questões exmanentes são aquelas que refletem diretamente os interesses do pesquisador, já as questões imanentes são aquelas lançadas pelo pesquisador ao entrevistado. As questões imanentes são elaborados a partir das exmanentes previamente pensadas juntamente com elementos fornecidos durante a narrativa pelo entrevistado. Exemplo: uma pesquisa que tenha como objetivo compreender as razões que levaram o sujeito a aderir a uma dieta alternativa. Uma questão imanente previamente elaborada pelo pesquisador: como o grupo influencia a escolha da dieta? Questão imanente elaborada pós-narrativa: “então você disse que ingressou na universidade em 2005. O que aconteceu depois, então?”

relacionados à reconstrução da narrativa (quem fez o que, quando onde e por quê) e não-indexados os dados ligados aos valores, juízos e toda forma de “sabedoria de vida”;

- (3) Ordenação das trajetórias do indivíduo pelos componentes indexados;
- (4) Análise das dimensões não-indexadas;
- (5) Agrupamento e comparação entre as trajetórias individuais;
- (6) Comparação dos casos. Trajetórias individuais encontram um contexto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 O GOSTO DA SAUDADE QUE RECONFORTA

As falas das idosas entrevistadas nos relatos alimentares, demonstraram que a comida está cercada de ritos e simbolismos onde reluzem os seus relacionamentos sociais e, sobretudo, a ausência daqueles passados, saudade. Os resultados encontrados neste estudo apontam que narrar as memórias de sua alimentação desperta uma saudade reconfortante que reposiciona esses indivíduos como sujeitos, seres de história.

Como a saudade que emanou nas palavras de Dona Maria Adalgiza ao contar sobre a alegria que sentiam quando a mãe preparava o famoso feijão recheado? Aquele que enchia os olhos e saciava o espírito, aquele que reunia a família na cozinha e na mesa, onde juntos saboreavam sem pressa, o doce prazer do compartilhamento. Quem poderia definir o sabor daquele feijão que pertencia a sua mãe? Quem poderia presumir o quão nutritivo era aquele feijão que trazia em sua composição tantos sentimentos? Não seria tal alegria fruto do contexto familiar marcado pela união e amorosidade? Não seria fruto do tempo em que todos estavam presentes, do tempo em que a “juventude” ainda permitia se fazer algo? *“Era muito bom o feijão recheado, minha mãe me ensinou a fazer, quando ela não fazia, era eu que fazia, hoje em dia já estou velha, muita coisa mudou.” [...] Eu gostava muito do feijão recheado da minha mãe. Porque era muito saboroso, a gente, eu e meus irmãos ficava tudo feliz.” Dona Adalgiza*

A comida desperta a saudade que repousa tranquilamente sobre a memória, no acalanto de um berço repleto de lembranças. São as comidas que Nina Horta (1996, p. 15) denominou de *comida da alma*. A comida seria assim um dispositivo em que as emoções explodem-se ante as realidades em que se vivencia e, ainda, ante ao tempo que se aflora. Como bem coloca Luce Giard (2009, p. 212), “os hábitos alimentares constituem um domínio [...] em que o passado e o presente se entrelaçam para satisfazer a necessidade do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias”.

Afinal, quantas emoções suscitaram o aroma daquele feijão tão especial e desejado, que, hoje, é lembrado com tanta saudade? A insistente saudade destemperou o sabor. A ausência da família, do seu cotidiano, do seu meio e as mudanças físicas que ocorreram a Dona Adalgiza, transformaram aquele regozijo em uma alegria entristecida, um sorriso inibido, uma saudade

reconfortante. Hoje, o feijão está em falta e aquela euforia também: *“Hoje em dia não como mais, mas antes comia que ficava alegre. Era muito bom o feijão recheado. Minha mãe me ensinou a fazer, quando ela não fazia, era eu que fazia, hoje em dia já estou velha, muita coisa mudou.”*

Dessa forma, o comer cotidiano suscita emoções de acordo com o contexto e tempo que se estabelece, pois, como afirma Filho (2012, p. 152): “a emoção indica tratar-se de uma expressão e linguagem coletiva. Esta é mobilizada por valores morais, estados afetuosos e sentimentos produzidos pela interação entre o grupo e o indivíduo.” As emoções são assim, uma forma de comunicação, uma forma de linguagem que traduzem o meio em que se vive. O ato de comer pode avivar –distinta ou simultaneamente- sentimentos de alegria, paz e também de saudades. Saudades quando a ausência se insere como um fator condicionante para seu avivamento: uma mudança nas ambiências e no tempo, que transpassa e modifica com ele todos os cenários preexistentes, desfazendo e tornando-o algo que não mais está ao alcance do sujeito. O passado guardado nos arquivos da memória nutre as lembranças eternizando-as na alma que tudo ampara.

Segundo Rezende e Coelho (2010), saudade é um sentimento que fala de uma forma de relacionar-se com o passado. Saudade é uma maneira de sentir e refletir o passado. Esse passado, contudo, não é pensado como etapa de um tempo concebido cronologicamente, como algo que “passa” inelutavelmente em um ritmo regrado e constantemente. O passado é refletido como algo que, do ponto de vista subjetivo, pode ser recuperado, revivido, por meio da ação da memória. Sentir saudades seria subtrair-se a passagem inexorável do tempo ou recusar a ordem do tempo. Uma camuflagem ante ao tempo que tudo arrebatava, como escreveu Drummond: *As coisas findas – momentos, pessoas- situações que inevitavelmente se esvanecem pela ação do tempo – muito mais que lindas -repletas de belezas subjetivas e simbólicas- essas ficarão, permanecerão guardadas na memória que nada esquece.*

Assim, a saudade despertada pelas lembranças nasce da ação de burlar o tempo, reconstruir com tranquilidade e comoção os momentos significativos e memoráveis do passado. Como os relatados por Dona Lecy, quando traz em sua fala a imagem afetiva que tem de sua mãe com quem tanto aprendeu e com quem compartilhou todos anos de sua vida: *“Eu aprendi muita coisa com ela, quando morávamos nós duas, eu cozinhava pra ela, fazia de tudo, minha filha”*. A

saudade logo floresce tornando eterna aquela que nunca partiu completamente: *“Sinto muitas saudades da minha mãe.”*

Dessa forma, as emoções apresentam-se ao indivíduo como forma de comunicação ante ao meio social e tempo em que estão inseridas. No ato de comer, as emoções apresentam-se como linguagens que codificam o seu próprio meio. Atentar para a saudade e sua presença nos relatos alimentares dos idosos e, ainda, sentir a emoção que emana da sua fruição, torna-se imprescindível na reflexão da alimentação dos idosos institucionalizados, padronizada e tantas vezes solitária, como diz Dona Aurea, com seu olhar tão distante quanto seus pensamentos: *“Antes tinha todo mundo pra comer, a gente fazia o comer e comia todo mundo [...] “É muito ruim viver a vida sozinha.”* A ausência da família e da alegria que se fazia em volta da mesa, tornaram-se para Dona Aurea – já profundamente marcada pela perda de seus familiares- uma realidade difícil a ser enfrentada. Para onde foram os comensais que preenchiam de fartura a mesa hoje vazia? A resposta talvez encontra-se refugiadas nas palavras de Dona Maria da Conceição que, com a voz enfraquecida, diz em sussurros gritantes: *“Faz tempo que andaram aqui. Nunca mais vieram. Não andam aqui porque não querem, mas está bom. Deus toma de conta.”*

Portanto, além de todos os fatores fisiológicos naturais desta fase da vida que incidem sobre a ingestão alimentar, viver a permanência da saudade, da falta, do abandono, pode contribuir negativamente nas práticas alimentares de idosos institucionalizados. Saudade, sobretudo, de um gosto que não se recupera e de outros com quem partilhar a mesa. Esses elementos, silenciosamente, retiram o prazer no ato de comer, como diz Dona Aurea com entonação entristecida: *“Hoje eu nem tenho mais vontade de comer essas coisas, vou levando do jeito que dá.”* Ou ainda, com diz Dona Maria da Conceição com os olhos tão questionadores, mas um tanto quanto inconformados, ao perguntar mansamente: *“Hoje eu como o que tiver, o que me der eu como, não posso ser mal agradecida não é? Tem arroz, feijão, carne, fruta, eu como o que tiver.”*

Deste modo, pensar a alimentação do idoso residente em Instituições de Longa Permanência a partir de seus relatos ensina muito sobre suas necessidades como seres integrais: são no sentido biológico, psíquico, cultural e social. Ensina sobretudo algo sobre o sentido da comida para uma vida saudável: a comida nos afeta igualmente biologicamente, psiquicamente,

culturalmente e socialmente. No caso destes idosos, é necessário alimentar a saudade para poder “matá-la”. Oferecer alimentação saudável e adequada ao público de uma ILPI envolve resgatar e reconstruir lembranças singelas com a emotividade que desde sempre tempera o ato de comer, para assim dignificar seu presente e avivar seu futuro.

5.2 PASSADO, TEMPO DO CONVÍVIO, PRESENTE, TEMPO DA SAUDADE

Existe entre o presente e o passado uma gama diversificada de complexidades que circundam-se continuamente em volta do tempo que a tudo retém e a tudo despende. Debruçar-se sobre ele requer antes de tudo, uma visão que se encaminhe às diversas direções, de modo a contemplar detalhadamente as múltiplas facetas que circundam o tempo e seus mistérios infundáveis. Gurgel (2012) ressalta que o tempo é algo cuja definição concreta se faz impossível. No entanto, a autora enfatiza a existência de um tempo subjetivo que se contrapõe ao tempo objetivo – o tempo real ou do mundo –sendo este facilmente percebido empiricamente. Em seu trabalho, Gurgel lança um questionamento cuja resposta apresenta-se - em um primeiro momento- de total interesse a este estudo que adentra sem cessar nas profundezas do tempo. Diz a autora:

existe o tempo da natureza ou do universo, o tempo do real, ou seja, o tempo que não existe apenas para a consciência, que não é apenas unidade de medida? Que relação existiria então entre esse tempo do mundo e o tempo da alma? (GURGEL, 2012, p. 75).

Nota-se em tal questionamento a existência de dois tempos que existem de maneira distintas, mas simultaneamente. Um tempo onde as coisas acontecem e um outro que serve para reconstruir o vivido, um tempo passado, embora exista no presente. Não seria esse tempo o tempo da alma, ao qual a autora se refere? Aquele que se abriga nas profundezas do inconsciente, concedendo ao tempo real todo o seu sentido e significação? Não seria ele o tempo vivido que ao relógio não mais obedece? Aquele frequentemente denominado de passado, que submerge avassaladoramente ao presente com toda a subjetividade que lhe é característica?

A realização deste estudo traz algumas respostas quanto a tais questões, como a concedida por Dona Auréa em seu relato. Ela destacou em notas de profunda lamentação e saudade, a

existência de um tempo que para ela se distingue do atual em sua maneira de existir: *“Aquele tempo era muito bom.”* Seria esse tempo o mesmo desejado por Dona Adalgiza, quando em suas palavras tão frágeis lamenta com ênfase a sua passagem?: *“É uma pena que o tempo passe...”* Para ambas, a existência de um tempo que se opõe ao atual se faz notório. Onde encontra-se então, esse tempo passado tão saudosistas para estas senhoras que desejaram em seus relatos, vive-lo novamente no presente? Poderia o passado e o presente coexistirem em um mesmo espaço de tempo? De que maneira o passado seria arremessado ao tempo atual e nele se fazer ativo?

Para Gurgel (2012), o passado, ao se conservar por si mesmo, nos acompanha por inteiro: somos a condensação da história vivida desde o nosso nascimento, a acumulação do passado sobre o presente ocorre sem tréguas. Nesse discurso, a memória entra em cena, constituindo-se em um campo extremamente delicado e suntuoso a ser tocado. Dessa forma, “a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente” (GURGEL, 2012, p. 77).

Há nesse discurso uma forte necessidade do ato de recordar, preservar, comemorar, rememorar, para “resguardar” um passado que corre o risco de não mais existir, atualizando e reconfigurando o passado em um presente particular. (DIAS, 2012) É o que se observa na voz de Dona Auréa, cujas palavras traduzem os sentimentos de saudades provindos do mais íntimo do seu ser: *“Sinto saudades do feijão que minha mãe fazia, meu pai gostava e a gente também. Aquele tempo era muito bom, tinha todo mundo.”* Assim sendo, as palavras pronunciadas por Dona Auréa percorrem, silenciosamente, um enigmático caminho que se intercala nas tênues linhas que limitam o passado do tempo presente, emaranhando-se nas teias da memória que tudo arquiva e nada esquece.

Dias (2012), sublinha que, a memória não deve ser encarada como um fenômeno homogêneo, sendo praticamente impossível falar em seu simples resgate, para o mesmo, a ambiguidade da memória deriva-se do presente, devendo ser vista como uma dinâmica social. Reforçando este pensamento, Meneses (1992, p.11) afirma que, “é do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar”. É dessa forma que a memória precisa ser refletida; não como um apelo ao passado, unicamente, mas como uma rede de relações que vão se estabelecer à luz do que possa ser lembrado (VALENTINI, 2014).

Assim sendo, neste estudo, as lembranças alimentares mais singelas, significativas e emotivas, foram rebuscadas em meio aos registros memoriais de toda uma vida, as gavetas das lembranças foram esvaziadas e os armários foram abertos, as falas atenciosas, procuraram descrever cada detalhe das lembranças que submergiram a superfície da memória. Neste estudo, buscou-se a compreensão da saudade que esteve presente em cada narrativa alimentar realizada.

No palco das lembranças a comida ganhou destaque, pois, atrelados a ela estavam todos os cenários e pessoas que protagonizaram o filme das histórias de vida daqueles que o narravam. Nos relatos, o passado foi assistido com as retinas do presente como uma reconstrução do que se viveu, pois, lembrar nada mais é reconstruir, refazer os momentos que se permite recordar. Como afirma Halbwachs (2004):

o trabalho da memória permite a reconstrução do passado, o indivíduo recorda os acontecimentos tendo como referência o “aqui e agora”. Num trabalho de releitura, reconstrói os fatos que marcaram sua trajetória e que estão atrelados à memória do grupo, da coletividade.

Portanto, o passado rebuscado nas palavras de Dona Auréa, reflete-se no tempo presente como uma moldura que resguarda em seu interior, uma paisagem que sobrevive aos efeitos e corrosão do tempo que tudo destrói. Nela, pode-se contemplar a imagem de sua mãe fazendo o feijão que a pertencia, o pai desejoso por saboreá-lo, e ainda, é possível vislumbrar a presença dos irmãos que preencheram com prontidão o espaço destinado a “*todo mundo*”. Todavia, a construção de tal paisagem, vai muito além do que uma simples contemplação de seus traços e cores, nas lembranças rebuscadas encontram-se também traços do presente que aprimoram e contornam com a visão do hoje, a paisagem que foi desenhada há muito tempo. É o que se pode perceber no relato de Dona Aurea quando recria a imagem de sua família com uma adição de emoção e afeto, pois, a ausência hoje sentida, a fez atribuir a sua família uma essencialidade em seus sentimentos de alegria e prazer que, inevitavelmente perderam-se na imensidão do tempo, como confessa com a voz trêmula e olhar distante: “*...antes a casa vivia cheia, tinha todo mundo, [...] é muito ruim a vida sozinha. [...] Sinto falta de casa, de quando mamãe era viva. [...] Hoje não restou mais nada.*”

A imagem da mãe é refeita com emoção, a falta dos entes queridos com quem conviveu por longos anos a fez perceber o quanto era crucial a presença de toda sua família, fazendo da

casa muito mais que um lugar, um lar composto por pessoas cuja ausência retirou tudo que havia de precioso em sua vida. Hoje não restou mais nada, a solidão é sentida com pesar. Não seria assim para Dona Lecy cuja fala abraça a de Dona Aurea com tamanha afinidade quando diz sem pressa: *“Eu sinto saudade de muita coisa da minha vida, da minha saúde, da minha família, da minha mãe, quando você envelhece você perde tudo, não é minha filha?”*

Para ela, a reconstrução do passado permitiu uma concepção do que significou em sua vida a partir da realidade que hoje vivencia, sua família, especialmente sua mãe, hoje são referidos com um sentimento particular, como possivelmente não o seriam no tempo presente, sendo a eles destinado os sentimentos essencialmente saudosistas. Como bem afirma Gurgel (2012), à medida que lembramos, temos percepções diferenciadas em relação ao passado, apagamos algumas impressões, sobressaímos a outras com maior intensidade, pois, assim como a se procede a leitura de um livro, onde nunca o fazemos da mesma maneira, assim também ocorre com as lembranças do passado, que se dá de acordo com o presente que se configura de forma particular.

Nas lembranças tudo se reconstrói, as pedras voltam a ser empilhadas com mais cuidado naquele fogão a lenha construído pelas mãos do pai atencioso que hoje é lembrado com saudades nas palavras afinadas de Dona Adalgiza quando diz: *“A gente era muito pobre minha filha, minha mãe cozinhava era no fogão a lenha, porque naquele tempo não tinha fogão a gás, era fogão a lenha. Papai colocava aquelas pedras, ele era pedreiro, fez um fogão, minha mãe cozinhava com lenha”*.

Na reconstrução do passado, os aromas são avivados e as panelas voltam a ser colocadas na mesa com mais euforia, nelas estão as mãos da mãe que hoje é recordada com emoção, afeto, alegria e saudades pela Dona Maria da Conceição: *Mamãe pegava as panelas botava na mesa e fazia o pão de milho pra gente comer, sentia aquele cheiro bom*. Na mesa de Dona Lecy o passado também é reconstruído com novas significações, quando diz com brilho no olhar: *“Mamãe cozinhava os pães, era meu fraco. Todo mundo se reunia na mesa para comer”*. As conversas em volta daquela mesa hoje ganham maiores entonações, os sussurros de outrora hoje são ouvidos com clareza, as risadas são lembradas com mais intensidade, a presença de outrora hoje é sentida com ardor ante a ausência que se revelou surpreendente e avassaladora. As lembranças mais significativas são resgatadas dos arquivos da memória com mais vivacidade, afinal, *“aquilo que a memória amou fica eterno”* (ALVES, 2005, p. 91).

A memória registra e as lembranças resgatam o que é essencial, aquilo que satisfaz o espírito. Nelas, as emoções, principalmente a saudade, causada pelo sentimento de volta, de desejo em querer regressar ou resgatar no tempo aquilo que já se passou, aquilo que um dia acalmou a alma, alegrou e marcou a vida em todas as suas nuances. É no passado que o homem se inventa, é no presente que ele se reconstrói. No passado a história é escrita, no presente é lida com a imaginação influenciada pela percepção do hoje, uma releitura que resulta em uma herança infinita de pensamentos, emoções e saudades.

Dessa forma, como visto nos relatos, as lembranças alimentares demonstraram que, na comida está contido o sabor do passado que mistura-se ao aroma do hoje, à saudade que o circunda e à afetividade que o justifica. “Dentre todos os sentidos que a natureza dotou ao gênero humano, a memória gustativa [o gosto] é a que mais deleite proporciona (MOREIRA et. al; 2013). Degustá-la requer, além de um paladar aguçado, uma capacidade de compreender as facetas que o constitui, pois, evocá-lo através das lembranças significa, antes de mais nada, reinventá-lo de acordo com a realidade e percepção do agora. A memória gustativa é capaz de fazer o ser humano trazer ao presente situações já esquecidas, transcorridas em datas remotas, mas que, pelo gosto, o paladar de um alimento o leva a uma viagem de recordações e memórias subjetivas (FERNANDES, 2010, p. 13).

Neste estudo, foi possível observar a partir do relatos alimentares que alguns alimentos destacaram-se como motores dessas memórias gustativas, dentre eles, os acepipes cotidianos: pão, feijão, arroz de leite, o café... Ao lado deles, alguns elementos que emolduravam o ato de comer: a família e a comensalidade. Mais sobre isso será apresentado nos tópicos a seguir.

5.2.1. O sabor da saudade: os alimentos do cotidiano

Neste estudo, alguns alimentos ganharam destaque e relevância, no intrínseco dos relatos alimentares. Tais alimentos ganharam significância especial, na medida em que suas indicações transformavam as vozes das entrevistadas em entonações estritamente melancólicas e saudosistas. A construção das narrativas permitiu às idosas reconstruírem as lembranças mais singelas e emotivas vivenciadas em um tempo anterior a institucionalização, fazendo da narração, um verdadeiro recanto de saudades.

As vozes tranquilas e detalhadas, trouxeram à tona aqueles alimentos do cotidiano, os alimentos comuns, aqueles preparados com cuidado e inovação, aqueles plantados pelas mãos suadas ou comprados com dificuldades. Em cada cada alimento citado com carinho, foi possível sentir o aroma do afeto e da saudade, o sabor da emoção e o desejo de voltar no tempo. Ao alimento foram designados pessoas e momentos que hoje não mais existem. Assim sendo, em cada fala, foi possível observar que o alimento preferido, aquele que a memória guardou, jamais aparece solitariamente, ao contrário, sempre está cercado e constituído de grandes lembranças afetuosas, capaz de alavancar do interior da alma, aquela saudade que surge sem aviso e sem medidas, pois, como afirma Santos (2001, p. 108), “nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. Desta forma, uma comunidade pode manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva.”

Para Dona Adalgiza a emoção no comer sobreveio na lembrança do feijão recheado que logo trouxe à tona. A ênfase concedida a tal refeição o fez presente durante toda a narrativa. A imagem da família aparece sem demora e, com ela, a saudade de um tempo que não está mais ao seu alcance. Os pais e irmãos são colocados com carinho nos temperos da saudade utilizados na preparação daquele feijão recheado quando diz com um brilho melancólico no olhar: *“Eu gostava muito do feijão recheado da minha mãe. Porque era muito saboroso, a gente, eu e meus irmãos ficava tudo feliz”*. Tal refeição ganha destaque no relato alimentar de Dona Adalgiza, como muito mais que uma comida saborosa. O feijão recheado apresenta em sua receita ingredientes que se caracterizam pela presença da família com quem conviveu por tantos anos, bem como pelos momentos felizes que se decorriam no consumo de tal preparação, considerada por ela como uma comida boa, quando diz: *“Minha mãe fazia o feijão recheado [...]É muito gostoso.”*

Para Silva e Cárdenas (2007), a boa comida é aquela capaz de articular e harmonizar as interações sociais, pois, é por meio dela que se realiza o encontro de todos com todos. Na festa se comunga comendo o mesmo prato, saboreando o mesmo tempero. A comida boa é aquela que une. O feijão recheado outrora signo da comunhão, hoje o sabor de saudade.

Tal sentimento nostálgico também pode ser observado com a mesma intensidade no relato alimentar de Dona Lecy, quando diz: *“Na minha casa a gente comia muita bolacha com café no café da manhã [...] “Quando era menina tomava muito café com bolacha. [...] Hoje tem muita coisa que não posso comer. Era muito bom”*. Para Dona Lecy as bolachas ganham sentido delicado e sutil, pois, carregam consigo as lembranças de sua antiga casa, que hoje encontra-se

ausente. Remete às lembranças da infância, do tempo de menina, em que o café e a bolacha no café da manhã preparados pela mãe eram motivos de festa: “*era muito bom*”.

Nesse discurso, a saudade gustativa reflete-se no desejo de um tempo prazeroso, que ficou no passado. Nascimento e Menandro (2005) afirmam que a saudade pode se apresentar na crença de uma situação mais satisfatória encontrada no passado, que se contrapõe às condições da atualidade como, por exemplo, a saudade da infância, de casa, dos amigos, da família, completando assim o sentido de falta, de querer ter de volta.

A família e a casa de Dona Maria Arruda também são reconstruídas em suas lembranças, ao falar do alimento preferido de sua mãe, a rapadura, se emociona: “*Gostava muito de comer doce, rapadura, [...] Minha mãe comprava muito, ela gostava muito. Comia depois do almoço, quando acabava ela comprava de novo. Comprava direto, lá em casa não faltava rapadura*”(Dona Maria Arruda). A imagem da mãe é reconstruída com cautela e saudades, sendo a rapadura aquele alimento que conferia doçura aos seus dias, o alimento que tornava a vida mais agradável. O gosto de sua mãe pela rapadura tornou-se o seu próprio. Na rapadura estava contido todo afeto de uma tarde adocicada logo após o almoço.

Para Dona Sophia, a comida também ganha destaque em seu relato alimentar com o arroz de leite preparado pela sua mãe. A refeição preferida da mãe, assim como acontece com Dona Maria Arruda, também tornou-se sua própria predileção. Os momentos vividos antes a vida institucional, sobrevêm à memória como um motor em combustão. *Ela gostava de arroz de leite. O que eu mais gostava o arroz de leite*” (Dona Sophia). É possível observar, então, um prazer relacionado a uma refeição preparada com afeto e cuidado.

A comida para Dona Shopia e Dona Maria Arruda ganha um tempero especial. Segundo Maciel (p. 151, 2001) as expressões “comida de mãe” ou “comida caseira”, evocam a infância, o aconchego e segurança, refletindo ao ambiente familiar, ao que é próximo e frugal. Para a autora, a “comida de mãe” define-se como uma assinatura, uma forma que marca a comida como lembranças pessoais.

Para Dona Maria, essas lembranças possuem um gosto singular. Em seu relato cita prontamente o pão de milho: “*Se fosse pra escolher uma comida hoje? Eu ia querer o pão de milho, comia muito, às vezes eu fazia, às vezes era minha mãe, todo mundo gostava, comia até não aguentar mais*” (Dona Maria da Coneceição). As lembranças do pão de milho, consumido juntamente com sua família, trazem à superfície a existência de um sentimento melancólico que

ecoa e expande-se ante a vida hoje solitária. Tal alimento apresenta-se em seu relato, circundado de valores que remetem à família.

Outro alimento de destaque nos relatos de saudade é o feijão. O feijão feito pelas mãos hábeis da mãe de Dona Aérea: *“Sinto saudades... do feijão que minha mãe fazia, meu pai gostava também”*. A vida com seus pais é reconstruída através da lembrança do feijão. A imagem da mãe é ainda citada com afeto quando diz com um brilho o olhar: *“Quando era criança mamãe cozinhava. Meu pai gostava muito de comer feijão com milho”*. A saudade atrela-se à sua fala ao mencionar sua mãe preparando o feijão, uma imagem que visualizou tantas vezes. Uma vida outrora marcada pela presença da família que tanta falta hoje faz. A saudade mediada pelo feijão, um alimento ordinário, é descrita por Silva e Cárdenas (2007), que falam das comidas ligadas aos gestos comezinhos da vida, sendo por isso boas para o coração, saturadas de sentido, que transluz sua materialidade em comida.

A mesma falta é comentada com saudades na voz fraquinha de Dona Maria: *“Mamãe gostava muito de fazer era café, fazia no fogão a lenha, meu pai saia cedo pra trabalhar e ela fazia o café”*. Assim como nas demais falas das idosas entrevistadas, a família ganha destaque em suas lembranças mais significativas. O café é reconstruído com tanta emoção, que é possível perceber a relevância que um ato tão comum e rotineiro, fazer café, que tornavam as manhãs especiais pelo simples fato de ter ao seu redor a sua família. Esta lapidação simbólica do que é habitual aparece nas palavras de Corção (p. 4, 2009) quando diz que *“a memória gustativa está associada ao cotidiano dos indivíduos”*. Um cotidiano marcado pelo ato do comer, que ganha lugar e saudade nas páginas de sua história.

Portanto, a partir nas narrativas alimentares analisadas neste estudo foi possível observar que a comida cotidiana é a grande vedete dos relatos da saudade. Mas, ela não se apresenta de forma solitária. Sua citação nos relatos está sempre associada a imagem de alguém ou a algum acontecimento que se fez especial. A saudade ganha sabor, aroma e consistência, transformando as memórias gustativas como uma via para reconstruir a própria história. A saudade nas falas apresentadas aviva-se e circunda os relatos com delicadeza. Neles, a comida apresenta em sua composição valores e emoções que hoje ganham um aroma mais acentuado ante a realidade da vida institucional.

5.2.1. Elementos fundantes da saudade: família e comensalidade

O ato de comer exala e transcende sentimentos emotivos que, como analisados nas vozes das entrevistadas, suscitam lembranças saudosistas de pessoas e momentos significantes na sua vida pré-institucional. No mais elementar de tais lembranças reconstruídas, observa-se a prevalência de alguns elementos propulsores da saudade que ganhou vida após a institucionalização. Dentre esses, a família e a comensalidade apresentaram-se nos relatos como os mais discutidos e, ainda, como os fatores pelo quais a vida atual tornou-se insípida.

No relato de Dona Aúrea, a comensalidade é vista de chegada. Em sua fala, ela prontamente cita a mesa, que se constituía um lugar de encontro, como um sinônimo de casa cheia. A comensalidade é notadamente marcada pela presença da família. Hoje a saudade se origina através dela. *“Antes a mesa era cheia, quando nós era menino, era um barulho só quando se ajuntava pra comer. Hoje eu nem tenho mais vontade de comer essas coisas, vou levando do jeito que dá”* (Dona Aurea).

Em seu relato, a casa define um lugar onde se podia sorrir sem temer o futuro, um ambiente onde o encontro era permanente. Silva e Cádernas, (2007, p. 61) afirmam que a “a comida é um brinde ao encontro. Entre o que brinda o alimento e o que recebe se estabelece uma relação”. Naquela mesa, os sorrisos misturavam-se ao aroma da comida, as conversas fluíam ante a mesa farta, seja de comida ou de felicidade. Para Dona Aurea, aquele barulho que ainda permanece audível em sua memória ecoa como um grito de saudades no espaço do vazio. Percebe-se em sua entrevista, um sentimento puramente nostálgico ao falar da família, hoje ausente.

Os momentos mais significativos são buscados incessantemente nas lembranças. A família também é citada com saudade na voz de Dona Maria. Para ela, o aroma do café traz de volta a comensalidade, hoje em falta. *“Mamãe gostava muito de fazer era café, fazia no fogão a lenha, meu pai saia cedo pra trabalhar e ela fazia o café, eu já acordava e já sentia era logo era o cheiro.”*

Para Silva (2010), o prazer da alimentação é tão profundo que, mesmo estando longe no espaço e no tempo da casa materna, a pessoa sente prazer em lembrá-la. O gosto, o cheiro e o sabor dos alimentos da infância ficam incrustados na memória, fazendo com que o indivíduo reconstrua sensações essencialmente singelas. Para as idosas entrevistadas neste estudo a reconstrução destas lembranças apresentaram-se ainda mais delicadas ante a vida na instituição. Os aromas e sabores reavivaram aqueles momentos que se fizeram marcante na vida anterior ao

seu ingresso na ILPI. Essas memórias são guardadas como verdadeiros oásis, prontos para acolher corpo e alma ressequidos de afeto.

Não seria assim com o aroma do café que avivou-se na memória de Dona Maria? As imagens dos pais logo aparecem trazendo consigo a reconstrução daquelas manhãs acordadas pelo aroma do café feito naquele fogão à lenha, que mantém-se inteiro nas suas lembranças. O sorriso entristecido ao lembrar da mãe que acordava as manhãs com cheiro do café quentinho ganha vida ao recordar o momento em que se sentavam à mesa.

Tal foi essa alegria, a mesma sentida pelo escritor Marcel Proust, quando descreve a sensação fascinante que lhe submerge ao degustar o sabor da *madeleine* embebida em chá. Ocasionalmente sensações tão prazerosas que desafiam esse grande escritor de descrevê-las com precisão. Para Corção (p. 1, 200[?]):

o fragmento do romance de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, revela de que forma a sensação gustativa é capaz de ativar uma sensação que transcende o tempo no qual o indivíduo está inserido. A sensação incita o indivíduo a buscar nele próprio o que seria aquela sensação.

Para Dona Maria, o cheiro do café gravou-se em sua memória com a mesma delicadeza e cuidado que um ourives molda suas peças: não seriam as lembranças de sua família joias que, de tão raras, são guardadas como tesouros pela memória? As palavras emotivas de Dona Maria fluíram com aroma de café e o sabor de saudade. Saudade da família. Saudades de casa. Uma saudade que também visita o relato de Dona Lecy, quando com um sorriso contido nos lábios, declara com convicção: “*Na minha casa a gente comia muita bolacha com café no café da manhã. [...] Quando era criança o que mais gostava de comer era bolacha com café, mamãe quando era viva fazia bolacha assada, ela fazia comida pra toda casa. [...] Meus irmãos gostavam muito de café com bolacha, gostava muito. Hoje tem muita coisa que não posso comer. Era muito bom.*” (Dona Lecy)

As bolachas assadas feitas pela mãe trazem à tona aquela que não adormece no relato de Dona Lecy: sua mãe, aquela com quem compartilhou todos os momentos de sua vida. Sua família também lembra na memória adormecida, juntamente com as manhãs em que se comiam as bolachas assadas com café. As imagens dos irmãos são reconstruídas com saudades, uma saudade visível no olhar discreto que tenta fugir das artimanhas do tempo e burlá-lo silenciosamente.

Segundo Demeterco (p. 46- 38, 1998), “a convivência à mesa é quase sempre um sinal de proximidade, confiança e fraternidade [...] no cotidiano ou nos momentos de lazer, diante da possibilidade de acontecerem encontros e reuniões, a refeição e o ato de comê-la cristaliza estados emocionais, valores e identidades sociais”. Para as idosas entrevistadas a comensalidade falta. A saudade surge como uma maneira sutil viver o que não se pode recuperar. Na voz de Dona Lecy, à amargura do presente são acrescentadas as doçuras da sua mãe por meio das comidas que gostava de preparar: *“Hoje tem muita coisa que não posso comer. Era muito bom. Às vezes quando como lembro de mamãe, ela fazia muita tapioca, muito bolo, muito doce, cocada. Me lembro dela. Às vezes quando como eu lembro da minha mãe. Me lembro dela.”* (Dona Lecy)

A família, portanto, sintetiza a saudade. Tudo *“era muito bom”* para Dona Maria Arruda. As palavras de Dona Lecy conversam com a voz nostálgica de Dona Maria Arruda quando fala da rapadura e das memórias de sua família que esse alimento carrega. *“Gostava muito de comer doce, rapadura. Minha mãe comprava muito, ela gostava muito. Comia depois do almoço, quando acabava ela comprava de novo. Comprava direto, lá em casa não faltava rapadura. Hoje queria comer rapadura, me lembro da minha mãe e dos meus irmãos.”* (Dona Maria Arruda)

A imagem da mãe de dona Maria Arruda assemelha-se àquela descrita na voz dócil de Dona Maria da Conceição quando descreve o pão de milho feito pela mãe: *“Se fosse pra escolher uma comida hoje? Eu ia querer o pão de milho, comia muito, as vezes eu fazia, as vezes era minha mãe, todo mundo gostava, comia até não aguentar mais, vish que era um tempo bom. Era bom. Mamãe pegava as panelas botava na mesa e fazia o pão de milho pra gente comer, sentia aquele cheiro bom. Mas esse tempo passou, hoje eu como o que tiver, o que me der eu como, não posso ser mal agradecida não é? Tem arroz, feijão, carne, fruta, eu como o que tiver.”* (Dona Maria da Conceição)

Observa-se nos relatos alimentares o papel central da família, sobretudo das mães, em suas vidas: um fio condutor de intensas saudades. O objetivo da refeição deixa ser a nutrição – em seu sentido unicamente biológico- para se constituir na homenagem a uma determinada pessoa ou apenas no prazer de estar junto (DEMETERCO, 1998). A família é homenageada nos relatos alimentares. Nas lembranças, os aromas da família e da comensalidade, são essencialmente sentidos com saudades.

Nos relatos, a comida está sempre ligada ao aconchego do lar e presença dos familiares, principalmente à figura da mãe, que sempre aparece como a guardiã da cozinha e dos ensinamentos, ícone de afetividade e carinho. Sua imagem, muito mais que de cuidadora, é a de mantenedora da vida doméstica. “Assim, há a comida principal/centro da mesa, e haverá sempre uma pessoa ‘especial’ e que provavelmente será o centro das atenções da cozinheira/do anfitrião”. (DEMETERCO, p. 44, 1998). Como acontece na fala de Dona Adalgiza, que reconstrói a imagem da mãe como aquela cozinheira que não necessitava de diploma para cozinhar perfeitamente ou, ainda, como nas palavras de Dona Maria, que concede à figura da mãe, os méritos da boa comida: *“Eu aprendi a cozinhar com minha mãe, e quando cresci fiz um curso de culinária. [...] Quando fiz o curso de culinária, fazia cada coisa bonita, enfeitava as comidas, todo mundo achava muito bonito. Era muito boa, puxei a minha mãe, ela não tinha curso nenhum e era muito boa na cozinha”* (Dona Adalgiza). *“Minha mãe era uma cozinheira muito boa”* (Dona Maria).

O “toque da mãe” é uma assinatura que envolve não só o que se faz como a forma como se faz (SILVA, p. 179, 2009). Para Dona Maria, a mãe é afeto, a ela lhe é atribuído o dom de transformar o pouco em muito: suas mãos milagrosas alimentavam com pouco toda família. A comida da mãe evoca a lembrança do passado, aflorando na memória o que está encoberto nas profundezas do inconsciente familiar, por estar ligada aos gestos ordinários da vida (SILVA, p. 179, 2009). Ao pai, por sua vez, concede-lhe o reconhecimento do seu esforço, sendo a comida o seu alento após um dia de trabalho: *“Minha mãe quem cozinhava pra gente, meu pai trabalhava na roça, passava o dia lá, as vezes levava a gente pra ajudar na plantação, minha mãe ficava em casa cuidando da arrumação da casa e da comida. [...] Eu aprendi a cozinhar com ela, ia vendo e aprendendo, sabia fazer muitas coisas com o pouco que tinha. [...] Eu aprendi a cozinhar de tudo, as vezes meu pai chegava da roça tava tudo pronto que eu cozinhava.”* (Dona Maria).

A comida torna-se um elemento sagrado. Na mesa comungamos uns com os outros. O que é “um ato festivo e certamente sagrado. Ato que celebra as nossas relações mais que nossas individualidades” (DAMATTA, 2001, p. 62). Dona Aurea lembra com carinho dos irmãos e do pai com quem dividia a mesa e o solo fértil. Daquele solo colhia-se o que se consumia a mesa. A plantação era lugar de ensinamentos e fortalecimento de vínculos. A figura do pai ganhava destaque, estabelecendo um elo afetivo que se tornou explícito em seu relato alimentar: *“Meu pai era agricultor, gostava de plantar, era quem sustentava a casa de alimentos, de feijão, batata*

nós tínhamos vazantes, tudo que plantava dava. [...] “A gente ajudava na plantação, nós era os trabalhador, trabalhava com enxada, os meninos pequenos, seis sete anos, já era com a enxadinha, pelejando pra limpar os matos. Todos tinha que trabalhar, limpar o cercado e plantar.” (Dona Aurea)

A imagem do pai, hoje é reconstruída com mais intensidade. Suas mãos incansáveis foram lembradas com admiração. O alimento que chegava a mesa com dificuldade, concedia ao pai as virtudes mais honrosas. Era aquele homem que com suas mãos hábeis e sua enxada inseparável não deixava o alimento faltar, nem a mesa esvaziar: a felicidade se realizava ao redor da mesa.

Na mesa de Dona Maria da Conceição, o alimento também era adquirido de forma suada. A enxada também aparece nas lembranças como símbolo de grande valor: por meio dela, se adquiria a comida que alimentaria e saciaria a fome dos seus: “...Fazia pão de vitamilho, às vezes tinha, a gente plantava milho, fazia pamonha, fazia canjica. Eu trabalhava muito na enxada, quando era nova eu trabalhava na enxada, plantava e cozinhava”. O contato com a comida vinha desde seu plantio, no sítio, com a enxada na mão. Plantava o milho que chegaria à mesa e que faria dela um lugar de fartura, de comida e boas risadas.

Os relatos apresentados nas entrevistas permitem verificar um ponto em comum no contexto de todas as histórias: a família e a comensalidade são hoje motivos de saudade. Os alimentos e a partilha citados nas falas ficaram em um passado que não volta mais. Um passado agora reconstruído com nostalgia. A comida entre os iguais designou o sabor da relação, a pouca comida metamorfoseou-se em grande fartura ao estar entre os seus. Queiroz (1994) em seu livro *A literatura e o gozo impuro da comida* alinha esse pensamento com o discurso de Rousseau, onde a intimidade do lar fortalece aqueles que nele habitam. A sala de jantar da família é o asilo inviolável da confiança, da amizade e da liberdade, onde nenhum estranho é permitido, constitui-se uma espécie de iniciação a intimidade. Não se reúnem ali senão aqueles que não gostariam de separar-se jamais.

Portanto, a saudade presente nos relatos alimentares a família e a comensalidade se apresentaram como os principais componentes motivadores de sentimentos saudosistas na vida hoje dentro da instituição. A saudade se apresentou como uma das mais influentes emoções existentes nos ato do comer. Assim, torna-se necessário um olhar atento para tais questões no interior das ILPIs, de modo a melhorar a relação do idoso com o alimento no pós-

institucionalização, como uma forma de minimizar a desnutrição, um problema frequente nestes espaços de cuidado permanente.

5.3 O ESPAÇO DA SAUDADE: A COZINHA

Nos relatos alimentares realizados neste estudo, a cozinha ganhou espaço como um ambiente desejado e assiduamente visitado, um espaço de inovações, criatividade e íntimo contato. Na cozinha se reuniam aqueles cuja presença é agradável. Nela, encontraram-se as mãos habilidosas que atuavam em conjunto na preparação de uma receita com sabor de bem-querer. Os olhares acentuavam-se, as mãos agilizavam-se e a memória ganhava destaque. A cozinha se discute, neste estudo, como um complexo e fascinante palco de relações sociais, um espaço físico de interações e contato e, ainda, como um ambiente de saudades.

Para Silva (2009) a cozinha é um lugar com expressão como um espaço de sociabilidade e construção de laços. É nesse ambiente que florescem os primeiros sentimentos de grupo, onde os costumes são desenvolvidos, construídos e socializados. O autor ainda completa: é preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia-a-dia, num canto do mundo.

Inserida nesse contexto, a cozinha apresenta-se como um espaço cada vez mais visitado e valorizado no lar. Migrando de sua concepção há muito acreditada, como um ambiente restrito e destinado unicamente ao preparo de refeições, a cozinha detalhada nas narrativas alimentares deste estudo ganha corpo e se estabelece como um ambiente onde a vida se origina e se perpetua.

Segundo Santos (2011), é na cozinha que despontam as relações de gênero, de geração e de afeto. Na cozinha, se estabelece um espaço rico em relações sociais, fazendo com que a mesa se constitua, efetivamente, em um ritual de comensalidade. Tal afirmação pode ser essencialmente traduzida pelas falas das idosas apresentadas neste estudo que remetem a cozinha como o cenário onde os personagens ganham vida e, ainda, como local onde perpassa o roteiro de suas histórias. Afinal, a cozinha é sempre comentada como o lugar de aconchego e afeto e, hoje, de profundas saudades.

Quando Silva (2009) faz menção a cozinha como espaço subjetivo e social, destaca que tal ambiente não é apenas um lugar onde os alimentos são preparados, mas, também, um espaço onde se estabelecem relações cotidianas, revelando redes de sociabilidade em um uso coletivo do

espaço doméstico. É o que se pode observar no mais elementar das falas apresentadas neste estudo, onde a maioria das relações de afetividades se estabeleceram no seio da cozinha.

Portanto, como afirma Silveira (2011), a alimentação e o fazer culinário ultrapassa questões ligadas ao preparo do alimento. As ritual culinário denota particularidades e sugere olhares acerca do indivíduo, bem como do grupo em que está inserido, seus processos de aquisição, reprodução de saberes e cultura. Como retrata Certeau et al. (p. 221, 2009):

a rotina da cozinha é agregada à dinâmica das atividades diárias da casa e da comunidade. É um espaço que compreende um “conjunto de movimento produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade.

Os relatos permitiram a verificação de que é no cotidiano que a cozinha se estabelece em seus modos e regras que se diferenciam e se reconstróem à medida que surge a necessidade de efetuá-los. No fazer culinário percebido nas entrevistas, existe portanto, uma série de ações e reações, intimamente enraizados às pessoas que o fazem, à maneira e ao contexto em que são executados, fazendo da cozinha uma máquina cujo perfeito funcionamento se estabelece de acordo com a união coletiva.

Na cotidianidade dos fazer culinário habita a repetição de gestos, perpetuação e ressignificação de costumes, os sistemas de tradição bem como seus desdobramentos (GIARD, 2009). Silva (2009) destaca as concepções da antropologia na qual todo processo material é socializado e colocado em ação. Na cozinha, isso acontece através das trocas de saberes, dos pequenos empréstimos de utensílios e produtos. Tais representações refletem condições históricas e econômicas, como também valores sociais e culturais. As operações culinárias na cozinha constituem-se como lugares de encontros (ou) de interação das técnicas das relações sociais e das representações.

Dessa forma, neste estudo, onde os alimentos instigaram e motivaram sentimentos saudosistas, a cozinha se estabeleceu como cenário onde tais sentimentos entraram em cena. A cozinha desloca-se de um espaço unicamente culinário para um complexo campo de fruições emotivas diante da realidade da vida institucional, marcada por sentimentos de perdas e ausências que aguçam a saudade presente nos relatos alimentares.

5.3.1. A cozinha: um laboratório sentimental

As vozes das entrevistadas relegaram à cozinha, suas mais singelas emoções. Concedida como um espaço onde as falas tinham sua gênese, a cozinha dos temperos afetivos, apresentou-se como um ambiente onde as lembranças fluíam e ainda, como um lugar onde a saudade se acomodou. Tal fato, demonstra a relevância que este ambiente julga na vida das idosas entrevistadas, que colocam a cozinha como pano de fundo de suas lembranças mais apreciáveis.

Silva (2009) infere que as dicas, detalhes, gestos, consistências, tempo de preparação e mini-estratégias impregnadas dos modos de fazer [...] garantem a elaboração de iguarias preparadas para satisfazer e dar prazer aos familiares. Na cozinha de Dona Maria o café era preparado logo cedo para o pai que iniciava as manhãs trabalhando na roça, *“mamãe gostava muito de fazer era café, fazia no fogão a lenha, meu pai saia cedo pra trabalhar e ela fazia o café”*. Não seria esse café preparado com gosto e afeto, um incentivo, ou, ainda, uma forma de gratificar o pai pela sua dedicação e esforço? Não seria esse um gesto de amor e cuidado circundado na cozinha? *“Eu aprendi a cozinhar de tudo, às vezes meu pai chegava da roça e já estava tudo pronto que eu cozinhava”* (Dona Maria). Segundo Koerich (p. 24-25, 2014),

ingressar no universo criativo da culinária, bem como sentir o gosto e o sentimento que daí emana [...]Ou seja, comidas preparadas para ocasiões especiais, com o intuito de comemorar ou mesmo dividir com a família uma refeição agradável e saborosa, onde todos gostem e sintam-se acolhidos. Pratos esses que comumente são frutos de algumas experimentações. Pois é geralmente na cozinha, em meio a temperos, panelas e ao fogão que a alquimia dos diferentes ingredientes acontece, gerando invenções que muitas vezes eram realizadas entre mãe e filhas/os.

Para Dona Adalgiza, as refeições ganhavam sabor especial. Na cozinha, juntamente com sua mãe, as receitas eram preparadas com um quê de invenção: por não possuírem boas condições financeiras usavam a criatividade que avivava-se constantemente naquele espaço milagroso onde o pouco transformava-se em muito: *“naquele tempo fazia o mugunzá, mamãe botava mugunzá com pé de boi, botava o pé de boi pra cozinhar e botava o mugunzá, botava água, deixava o mugunzá de molho, ai outro dia ela lavava e colocava. A gente comia muito, tudo menino, achava muito bom. Hoje em dia é tudo mudado.”*

Completando a fala de Dona Adalgiza, Giard (p. 212, 2009) descreve que “com seu alto grau de ritualização e seu considerável investimento afetivo, as atividades culinárias são para

grande parte das mulheres de todas as idades um lugar de felicidade, de prazer, de invenção”. Na cozinha de Dona Aurea, as receitas também ganhavam sabor de inovação, “*quando era pequena minha mãe fazia papa de goma, cortava as bananas meia madura, botava pra secar, pisava e fazia papa, pra não ser só de goma*”. Já para Dona Lecy, a comida prazerosa e criativa advinha da mãe que, com seu caderno de receitas, fazia das refeições um verdadeiro banquetes de diversidades: “*Mamãe era cozinheira, fez o curso de cozinheira quando era nova, tinha até um livro de receitas.*”

A cozinha materna reconduz mensagens de segurança advindas do campo do imaginário. Remete àquilo que foi consumido na infância em ambiente tranquilo, com pessoas experientes, ternas, que participaram da construção do gosto, que dotaram o paladar e a predileção por sabores. (MOREIRA, 2013). “As mulheres manejam utensílios e ingredientes, colocando para funcionar uma “inteligência” sutil, cambiante e de descobertas iminentes. (SILVA, 2009).

Enquanto “o gesto só dura enquanto durar sua função de utilidade, sustentado pelos milhares de ritualizações de seus praticantes [...] só é refeito se [...] ainda for de necessidade real em vista do esforço que exige” (GIARD, 2009, p. 273). A cozinha constitui-se, então, como bem textualiza Montanari (p. 26, 2008), ponto de intersecção entre tradição e inovação. É tradição devido aos saberes, as técnicas que são perpassadas. É inovação porque os saberes e técnicas e os valores modificam a posição do homem em seu contexto ambiental, tornando-o apto a experimentar novas realidades.

É a repetição de gestos que constrói a vida e suas memórias. Receitas com gostos de outrora que permanecerão para sempre na memória, instigando a réplica da culinária. (MOREIRA, 2013). Como a de Dona Auera, quando relata o gosto que possui em comer peixe, gosto herdado pela mãe que tanto saboreava esse alimento: “*eu gosto muito de comer feijão, peixe. [...] Quando morava com minha mãe cozinhava muito, ela gostava de todo comer, gostava muito de carne, gostava muito de peixe, comia toda qualidade de peixe*”. Quando adulta, os gostos culinários da mãe adquiridos no espaço da cozinha, ainda se mostraram vivos em suas próprias predileções: “*Minha vida foi assim. Quando morava com mamãe cozinhava muito, ela gostava de todo comer, [...] O que ela comia eu comia. Ela deixou de cozinhar quando ficou doente*”. Tal herança culinária também é encontrada no relato de Dona Adalgiza quando recita em suas palavras, uma poesia em forma de receita cuja memória jamais esqueceu: “*Minha mãe fazia o feijão recheado, sabe o que é feijão recheado? Você pega o feijão, bota pra cozinhar,*

quando ele está cozinhado você bota ele numa peneira pra escorrer, ai você pega, bota a manteiga no fogo, quando a manteiga está bem quente, ai você bota a batata doce, corta as fatias bem cortadinha, pega a carne, bate bem batidinha, faz um alvejão, quando acabar bota na vasilha, bota na manteiga e bota no fogo. É muito gostoso. [...] Era muito bom o feijão recheado. Minha mãe me ensinou a fazer, quando ela não fazia, era eu que fazia, hoje em dia já estou velha, muita coisa mudou.”

Nas cozinhas apresentadas nos relatos alimentares, os gostos são passados como heranças e os alimentos sempre estão associados à figura de alguém. O peixe preferido da mãe, passa a ser apreciado por Dona Aurea. As comidas são compartilhadas à mesa. Divide-se a história e o arroz feito pela mãe de Dona Shopia. O amor e o feijão de Dona Adalgiza em uma completude imensurável.

A cozinha neste estudo, se apresentou como lugar de aprendizagem, de partilha e amor. Na cozinha as conversas ganharam sabor. O olhar guardou na memória aqueles gestos que se repetiam e inovavam-se em suas dualidades. Os olhos atentos de Dona Lecy vigiavam as mãos ágeis de sua mãe, a memória alerta guardava com cuidado os gestos que se faziam precisos. No olhar refletia o aprendizado que ainda permanece guardado nos arquivos da memória. *“Eu via minha mãe cozinhar e ia decorando as coisas, eu sou muito boa de cabeça [...] Mamãe era cozinheira.”* (Dona Lecy) Na cozinha se aprendia a cozinhar e a observar. Na cozinha os gestos ganhavam vida, as ações lapidavam-se ante aos olhos atentos que tudo guardava. Na cozinha a memória entrava em cena e a comida atuava com destaque no palco da eternização. *“Na minha casa eu cozinjava, aprendi com mãe, vendo ela cozinhar”* (Dona Maria da Conceição).

Nas cozinhas se lapidavam os ensinamentos, e as receitas passavam por gerações, mantendo a herança de uma vida. Na cozinha a companhia ganhava atenção. As vozes misturavam-se ao barulho da chaleira, as conversas alternavam-se entre os ingredientes e os acontecimentos comuns do dia. Na cozinha os sorrisos floresciam ao aroma da presença do outro. Na cozinha dos relatos alimentares, a vida simplesmente acontecia.

Para Faria (2011), a cozinha apresenta-se como um laboratório sentimental. Como útero gerador de ideias, sentimentos e formador de caráter a cozinha é muito mais que um espaço destinado à preparação de refeições. Podemos também dizer que cozinhar é um tipo de idioma que não precisa das palavras para existir e promover a comunicação humana, como mostra Tita, a protagonista do romance *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel.

Portanto, a cozinha se estabeleceu nos relatos alimentares, como aquele lugar especial. O ambiente afetuoso. O ambiente agradável que a todos convidava. Na cozinha havia espaço para todos. Observou-se nas vozes das entrevistadas, uma citação especial à cozinha como palco das relações sociais envolvendo a família e a comensalidade, constituindo-se nos relatos como um cenário efetivo de saudades.

5.3.2 Condimentos da nova cozinha pasteurizada: solidão e saudade

Nos relatos alimentares, foi possível observar que, posteriormente a vida institucionalizada, no caso dos idosos residentes na instituição, a cozinha perde o *status de* ambiente de familiaridade e contato mútuo. Os hábitos cederam espaço à padronização, ao comer sozinho na maioria das vezes. As vozes tornaram-se silenciosas e a presença esvaziou-se sorrateiramente. A partilha desfaleceu-se dando lugar à alimentação solitária e realizada muitas vezes em qualquer lugar da instituição. A comensalidade, outrora compartilhada com a família, tornou-se algo raro mesmo que com os companheiros de instituição.

As palavras de Dona Aurea traduzem bem esta realidade quando diz em seu relato: *“Aqui eles cuidam da gente, trazem a nossa comida direitinho, todo dia eu como, tem arroz, feijão, carne, fico ali no meu cantinho e como. Se mudou alguma coisa? Mudou porque antes tinha todo mundo pra comer, a gente fazia o comer e comia todo mundo”*. Dona Adalgiza também traduz esta afirmação quando diz em suas palavras: *“Naquele tempo não, fazia de tudo, desde pequena minha mãe me ensinou a fazer. Achava muito bom cozinhar mamãe tinha muito gosto, é uma pena que o tempo passe”*. Os aprendizados encontram-se arquivados no cerne da memória, afoitos a ganharem vida outra vez. Mesmo que alguns concordem que têm acesso a uma alimentação de qualidade, a saudade da cozinha torna-se perceptível nas falas apresentadas neste trabalho.

Em seu estudo sobre o cotidiano em Instituições de Longa permanência, Ximenes (2007) relata que esses locais são geralmente marcados por tristezas e solidão. Analisando a rotina dos fazeres diários a autora comenta que as refeições se realizam de forma desritualizada, robotizada, e solitária: os idosos pegam suas refeições no café da manhã e consomem em seus lugares, sem conversas ou interações. Logo após, segundo a autora, os idosos seguem para seus quartos até a próxima refeição. No jantar a situação se repete sem muitas expectativas ou modificações.

Uma realidade semelhante à encontrada neste estudo, onde os idosos realizam suas refeições, principalmente os lanches, de forma solitária e sem maiores escolhas quanto à montagem do seu prato. Um desprazer habita o ato do comer, outrora comentado com tanta alegria nos relatos alimentares. A cozinha, antes repleta de afetividade, é esquecida ou inexistente nas vidas desses idosos, o que leva a uma conseqüente a diminuição do apetite que antes se fazia tão vívido.

Dessa forma, dentre os fatores emotivos que envolvem o ato de comer, a solidão apresenta-se nesse estudo como um fator comumente sentido e relatado pelas idosas residentes na ILPI. A perda da família, do seu ambiente e costumes, transmuta suas vidas como uma sentença na qual as mesmas já estão conformadas. *“Depois que ela morreu, ai eu fiquei no abrigo, faz quinze anos que moro em abrigo. [...] Eu não tenho mais nem pai nem mãe, daqui eu vou para o céu, acho que vou. Tou aqui até onde Deus quiser”*.

Segundo Marin (2012), o idoso institucionalizado é geralmente uma pessoa sem motivação para a vida, sem expectativas e com a insistente esperança de retornar ao ambiente familiar. Born (2012) ainda completa que a maioria dos idosos encaram o processo de institucionalização como perda da liberdade, abandono da família e, ainda, aproximação da morte. O autor ainda ressalta que, ao ingressar na vida institucionalizada, o idoso apresenta dificuldade em lidar com os processos de perdas, tendo que enfrentar na maioria das vezes o isolamento, rejeição, entre outras questões. Para o idoso institucionalizado, as perdas são muitas, e isto justifica a grande incidência de estados depressivos, sentimentos de solidão e limitação das possibilidades de uma vida ativa. (MARIN, 2012)

Para Ximenes (2007), as ILPIs são, na maioria das vezes, lugares de abandono e solidão, um lugar onde não há investimento na vida, um ambiente onde não se há muito o que fazer senão esperar a morte. Faleiros e Morano (2011) afirmam que anteriormente a sua institucionalização o idoso está acostumado a conviver com a família e suas rotinas de vida diária. Quando passam a morar em uma instituição com profissionais da saúde e outras pessoas idosas eles encontram muitas dificuldades. Nos asilos os idosos não têm participação na elaboração de convenções ou de regulamentos: não são instituintes, mas, instituídos. A oposição entre o mundo da casa e o mundo do asilo é bem percebida pelos idosos nas relações do cotidiano da instituição.

Marin (2012) em seu estudo com idosos institucionalizados, sublinha que, entre eles existe uma vontade de voltar a morar com a família, voltar para casa, poder andar, ter mais saúde.

A vida institucionalizada é, assim, marcada pela saudade que nunca se despede, fazendo com que os dias passem lentamente. As vozes solitárias, cuja esperança de um dia encontrar a família, desfalecem ante os dias intermináveis em que nada acontece, como os de Dona Maria da Conceição, que espera todos os dias pela chegada dos filhos, quando diz: *“Casei e fiquei viúva, meu marido faleceu há dez anos. Meus filhos não sei onde está. Faz muitos anos que tou aqui. Faz nove anos que moro aqui. Eu vim morar aqui porque adoeci e tava sozinha. Tenho três filhos, sei que já tenho netos, mas não vem aqui me ver, É muito difícil eles virem aqui. [...]As vezes fico imaginando eles virem, mas até agora nenhum vinheram. Meus netos eu não conheço, só sei que tenho. Nunca vi. É luta.”* (Dona Maria da Conceição)

Já as palavras de Dona Adalgiza soam como uma resposta tímida incontida ante a realidade indomável, quando diz com um brilho entristecido o olhar: *“Já faz uns treze anos que moro aqui no abrigo. Minha mãe faleceu, meus irmãos se casaram, ai eu vim parar aqui no abrigo. Eu aqui não tenho ninguém, ai aqui, tenho meu irmão que mora em Roirama e em Natal, mas nunca vem me ver não, faz muitos anos que não vejo eles, eles não tem mais o que ver aqui não.”*

Tal sentimento de falta e perda irrecuperável reflete-se no ato de comer. A comida perde aquele sabor agradável, como é o caso de Dona Aurea, cujo paladar adoeceu-se atente a solidão. Para ela o asilo é um ambiente de cuidados, porém, a saudade que possui da família lança-a na mais profunda solidão: *“Vim pra cá e vou levando a vida, aqui cuidam muito bem da gente. [...] Hoje nem tenho mais vontade de comer as coisas, vou levando do jeito que dá”*. Viver em um asilo pode até oferecer possibilidade de acolhimento, mas não é o mesmo que viver em uma família ou entre amigos, onde os laços do passado e do presente estão vivos e são compartilhados afetiva e socialmente. (CARMO et. al, 2012)

A velhice também traz consigo as doenças, o que também influencia na perda de suas ações e de seus hábitos alimentares. Apesar de receberem na instituição uma alimentação adequada nutricionalmente às suas necessidades, percebe-se um desprazer pelo comer, um vazio deixado pela vida passada. Em seu estudo sobre os significados da vivência em uma ILPI, Michel (2010), constatou que, mesmo recebendo uma alimentação adequada na instituição, percebe-se entre os idosos uma comparação entre a alimentação anterior e posterior a institucionalização, apontando seus gostos relacionados aos alimentos simbólicos.

Ximenes (2007), ainda afirma que ao longo de nossa vida, criamos hábitos, adaptamos e transformamos o nosso espaço, possuímos nossos objetos pessoais e construímos uma rede de relações. Para a autora, a nossa história é construída a partir de alicerces simbólicos. Na institucionalização, há uma perda total ou parcial deles: um corte com o seu mundo de relações e com sua história, dificultando os mesmos a assumir aspectos da sua vivência, enquanto pessoa plena, isolando-se afetiva e socialmente. Para Carmo (2012), o sentimento de falta e a saudades são uma constante em ILPI.

Nos relatos, foi possível observar um desprazer ao referir-se a alimentação atual. A rotina da instituição, o comando de horários, a fiscalização do comer e a programação constante fabricam corpos subordinados em espaços dominados por uma cozinha pasteurizada, uma cozinha normativa, da ordem. Dessa forma, a alimentação que é uma necessidade humana de livre demanda, tem que se encaixar na burocracia imposta pela instituição. Há uma uniformização dos costumes, em que a forma de vida e o conjunto de atividades anteriores são rearrumados e encaixados nesta nova rotina institucional. As interações nos horários das refeições são pouco frequentes. A ida para o abrigo apresenta-se, portanto, como um momento de rompimento com costumes e hábitos alimentares passados. A associação de tais fatores poderia levar ao estado de desnutrição, que segundo Oliveira et al. (2013) é um distúrbio nutricional prevalente em idosos institucionalizados e está associada ao aumento da mortalidade e da susceptibilidade às infecções.

Assim, pode-se afirmar que a alimentação é um elemento-chave para o gozo e o bem-estar na velhice- principalmente de idosos institucionalizado- por estar impregnada de afeto, emoções, sociabilidade, prazer e alegria. (SILVA, 2009). Nas entrevistas, foi possível observar que o alimento está sempre presente nos relatos de saudades, circundados de fatores emotivos e subjetivos que tornam o comer do idoso institucionalizado, mais que uma ação comum, um ato de profundas delicadezas e significações, nas quais, o passado e o presente são postos a mesa de maneira sutil, instigando o idoso institucionalizado a consumi-los com a temperança e voracidade de uma alma faminta. Isso apenas nos relatos da saudade, visto estarem imersos nesta cozinha pasteurizada, cercada por regimentos e padronizações que roubam todos os pilares da construção de toda uma história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas enunciadas neste estudo, possibilitaram a elucidação da questão da alimentação no interior de ILPIs a partir das narrativas produzidas pelos próprios idosos. Pode-se destacar a saudade como um componente emotivo que circunda a vida e as memórias gustativas de tais idosos de maneira fluente. A saudade sentida nas palavras das entrevistas realizadas, constituiu-se como um recanto perene, onde a reconstrução das lembranças do passado tecem um sentimento de reedificar aquilo que outrora se fez tão significativo e especial um dia para esses sujeitos.

Os resultados encontrados neste estudo apontam que narrar as memórias de sua alimentação desperta uma saudade reconfortante que reposiciona esses indivíduos como sujeitos, seres de história. Foi possível observar a partir dos relatos alimentares que alguns alimentos destacaram-se como motores dessas memórias gustativas, dentre eles, aqueles associados ao cotidiano dos indivíduos, a comida de todo dia: o pão, as bolachas, o feijão, o arroz de leite, o café, a rapadura. Ao lado deles, alguns elementos que emolduravam o ato de comer e que eram disparadores dos relatos de saudade no momento pós-institucionalização: a família, sobretudo a mãe, nutriz por excelência, e a comensalidade. Já a cozinha é a ambiência onde a saudade ganha destaque.

A saudade compôs as autobiografias alimentares de maneira delicada, ainda que cercada da tristeza de um tempo presente de perdas e solidão, o que torna perene a existência da saudade por trás dos portões e dos muros das Instituições de Longa Permanência. Há nessas instituições uma degeneração das heranças de uma vida, sobretudo por meio da padronização e regulação dos horários das refeições, tipos de preparações e pela ausência de um lugar de partilha, um refeitório. Sabe-se que esse pode ser um grande desafio para uma instituição, que, por concepção, deve atuar por meio do estabelecimento de ordem. Todavia, podem ser buscadas vias para incluir estes sujeitos de alguma maneira neste processo, além de fornecer uma estrutura que privilegie o contato entre os moradores da instituição. A construção de um refeitório seria um bom começo.

Assim, torna-se necessário um olhar atento para tais questões no interior das ILPIs, de modo a melhorar a relação do idoso com o alimento no pós-institucionalização, como uma forma de minimizar a desnutrição, um problema frequente nestes espaços de cuidado permanente. Aponta-se, com esta pesquisa, a necessidade de se efetuarem novos estudos que tratem o comer na institucionalização em seu aspecto subjetivo.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. (1996). **Uma história natural dos sentidos**. 2 ed. Rio de Janeiro, Brasil.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução da Diretoria Colegiada Nº 283**. Brasília, 2005.

ALFEDT, M. A. F. **O asilo enquanto espaço e lugar: A institucionalização da velhice em Santa Maria- RS**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2013.

ARAÚJO, C. L. O.; SOUZA, L. A.; FARO, A. C. M. Trajetória das Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil. **Here-Revista Eletrônica**, v. 1, n. 2, p. 250-262, 2010.

ASSUNÇÃO, V. K. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. **Caderno Espaço Feminino**, v. 19, n. 1, p. 233-253, 2008.

ALVES, R. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus, 2005.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BESSA, M. E. P.; SILVA, M. J. Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. **Texto e contexto – enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 258-265, 2008.

BOFF, L. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994. 488 p.

BORN, T. Cuidado ao idoso em instituição. In: PAPALÉO NETO, M. et al. (Orgs.). **Gerontologia.** São Paulo: Atheneu; 2002. p. 403-413.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção a Saúde. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 192 p.

BRASIL, Secretaria de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia.** 14 ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

CANTARELLI, L. Análise do perfil alimentar e nutricional de idosos residentes em Instituição de Longa permanência. **Revista da AMRIGS,** Porto Alegre, v. 2, n. 57, p. 112-116, 2013.

CREUTZBERG, M. **A Instituição de Longa Permanência para Idosos e a sua relação com o sistema societal:** uma análise na perspectiva da teoria de sistemas de Niklas Luhmann. 2005. 225 f. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CAMARANO, A. A. **Cuidados de longa duração para a população idosa:** Um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira:** Uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CARMO, H. O.; RANGEL, J. R. A.; RIBEIRO, N. A. P.; ARAÚJO, C. L. O. Idoso institucionalizado: o que sente, percebe e deseja? **RBCEH**, Passo Fundo, v. 9, n. 3, p. 330-340, 2012.

CEREZZETI, C. R. N. Aspectos psicológicos do paciente em terapia nutricional. In: Waitzberg D. L. **Nutrição oral, enteral e parenteral na prática clínica**. 4. ed. São Paulo: Atheneu, cap. 83, p. 1331-1335, 2000.

CHAPOUTHIER, Georges. Registros evolutivos. **Revista Viver Mente & Cérebro: Memória**, n. 2, p. 8-13, 2005.

CORÇÃO, M. **Memória gustativa e identidades: de Proust à cozinha contemporânea**. Paraná: UFPR, 200[?].

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAVIM, R. M. B. et al. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: Características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino americano de Enfermagem**. v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004.

DEMETERCO, S. M. S. Doces lembranças: **cadernos de receitas e comensalidade**. 1998. 203 f. Dissertação de Mestrado (Pós graduação do Departamento de História) -Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1998.

DORTIER, Jean François. **Dicionário de Ciências Humanas**. 1ed. Brasil: WMF Martins Fontes, 2010.

DIAS, A. B. O PRESENTE DA MEMÓRIA: **Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'**. 2012. 203 f.

Dissertação de Mestrado (Pós Graduação em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESPÍNDOLA, M. A. **Estresse, emoções e câncer de mama: relações possíveis**. 2012. 108 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

FARIA, L. A.; CURADO, J. G. T. Cozinha: o útero da casa. In: **Anais do IX Seminário de Iniciação Científica**, VI Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Goiás, 2011.

FALEIROS, V. P.; MORANO, T.; Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 319-338, 2009.

FANTON, M. Sujeito, sociedade e linguagem: Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. **Civitas**, v. 11, n. 3, p. 529-543, 2011.

FÉLIX, L. N.; SOUZA, E. M. T. Avaliação nutricional de idosos em uma instituição por diferentes instrumentos. **Revista Nutrição**, v. 22, n. 4, p. 571-580, 2009.

FERNANDES, M. C. R. *As aventuras do gosto: o restaurante Al Manzul de Cuiabá como expressão da culinária árabe (1991-2008)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

FERREIRA, J. M.; CUNHA, N. C. V.; MENUT, A. Z. C. Qualidade de Vida na Terceira Idade: um Estudo de Caso do SESC Alagoas. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 1, p. 118-135, 2010.

FILHO, E. A. A emoção religiosa nos estudos de Émile Durkheim e Marcel Mauss: a propósito do centenário de As formas elementares de vida religiosa. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, p. 137-155, 2012.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed Editora S. A., 2009.

FRANÇA, L. H. de F. P. O envelhecimento populacional e seus reflexos nas organizações: a importância da educação ao longo da vida. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, v. 37, n. 2, p. 49-60, 2011.

GALESI, L. F. et al. Perfil alimentar e nutricional de idosos residentes em moradia individuais numa Instituição de Longa Permanência no leste do Estado de São Paulo. **Alimentação e Nutrição**, v. 19, n.3, p. 283-290, 2008.

GIARD, L. Artes de Nutrir. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do Cotidiano**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GURGEL, M. A. A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 6, n. 9, p. 74-78, 2012.

HORTA, N. **Não é sopa**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOROCHOVSKI, A. T. H. **Velhas benzedeadas**. v. 17, n. 2, p. 126, 2012.

JEDLOWSKI, P. Memory and Sociology: themes and issues. **Time & Society**, v. 10, n. 1, p. 29-44, 2001.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

JÚNIOR, D. M. A. **A invenção do Nordeste: e outras artes**. 3 ed. Recife: FJN, Editora Massangana, São Paulo: Cortez, 2006.

KOERICH, J.; SILVA, J. G. 'Comida de alma': lembranças, reivindicações e sensibilidades na região rural de Joinville/SC. **Revista Santa Catarina em História**, v.8, n.1, p. 18-39, 2014.

KUZNIER, T. P. **O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

LOCATELI, P. A. P. **As representações sociais sobre a velhice e os reflexos nos processos de gestão de pessoa de uma Instituição de Longa Permanência de Porto Alegre**. 2012. 229 f. Dissertação (Mestrado em Administração) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LUPTON, Deborah. **Food the Body and the self**. New York: SAGE Publications, 1996.

MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 234-267, 2001.

MAGALHÃES, C. Comida de comer Comida de pensar. **Revista Cadernos de debates**. v. 3, p. 29-57, 1995.

MARIN, M. J. S. et al. Compreendendo a história de vida de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.15, n. 1, p. 147-154, 2012.

MARISCO, N. S. et al. Ações em saúde para promoção de qualidade de vida dos idosos de uma Instituição de Longa Permanência. **Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta**, ano 4, n. 1, p. 168-181. 2012.

MENDONÇA, R. T. **Nutrição**: um guia completo de alimentação, práticas de higiene, cardápios, doenças, dietas e gestão. 1. ed. São Paulo: Editora Rideel, 2012. 448 p.

MENESES, U. T. B. A história cativa da memória? Para um mapeamento no campo das ciências sociais. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

MICHEL, T. **A vivência em uma instituição de longa permanência: significados atribuídos pelos idosos**. 2010. 149 f. Dissertação de Mestrado (Programa de pós-graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: SENAC, 2008.

MONTEIRO, M. A. M. Percepção sensorial dos alimentos em idosos. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 10, n. 2, p. 34-42, 2009.

MOREIRA, S. A.; JÚNIOR, I. F.; MEDEIROS, M.; BRAGA, V. Gostos memoráveis e culinária: jovens órfãos pela AIDS em São Paulo. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 171-183, 2013.

NASCIMENTO, A. R. A. **Memória dos verdes anos**: saudade da infância na música popular brasileira – Uma investigação e uma proposta de análise de dados. 2004. 179 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2004.

NASCIMENTO, A. R. A.; MENNADRO, P. R. M. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, v. 8, p. 5-19, 2005.

NOVAES, R. H. L. **Os asilos de idosos no Estado do Rio de Janeiro: repercussões da (não) integralidade no cuidado e na atenção à saúde dos idosos.** 2003. 178 f. Dissertação de Mestrado – IMS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, L. P.; CABRAL, N. L. A.; VALE, D.; LYRA, C. O.; LIMA, K. C. Prevalência de desnutrição em idosos institucionalizados: uma revisão crítica sistemática. **J. Health Biol Sci**, v. 2, n. 3, p. 135-141, 2014.

PASCOAIS, Teixeira de. **Filosofia da saudade.** Seleccção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

PELZER, M. T.; SANDRI, J. V. A. O viver e ser saudável no envelhecimento humano contextualizado através da história oral. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 108-122, 2002.

PITANGA, D. A. **Velhice na cultura contemporânea.** 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) - Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2006.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido: No caminho de Swan.** São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

QUEIROZ, M. J. **A literatura e o gozo impuro da comida.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Caudia. **Antropologia das Emoções.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, R. N. P. **Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica.** ComCiência: SPBC, 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>> Acesso em: 21 de Julho de 2015.

RODRIGUES, M. et al. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Revista Brasileira de Orientação profissional**, v. 6, n. 1, p. 53-62, 2005.

ROZENDO, A. S.; JUSTO, J. S. Institucionalização da velhice e regressão: um olhar psicanalítico sobre os asilos de velhos. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 8, p.25-51, 2012.

SANTELLE, O.; LEFEVRE, A. M. C.; CERVATO, A. M. Alimentação institucionalizada e suas representações sociais entre moradores de instituições de longa permanência para idosos em São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 23. n. 12, p. 3061-3065, 2007.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: Os tempos da memória gustativa. **História: Questões e Debates**, n. 2, p. 11-31, 2005.

SANTOS, C. R. A. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 54, p. 103-124, 2011.

SEGALLA, R.; SPINELLI, R. B. Avaliação nutricional de idosos institucionalizados na sociedade beneficente Jacinto Godoy, em Erechim, RS. **Perspectiva**, v. 35, n. 129, 2011.

SILVA, B. T.; SANTOS, S. S. C. Cuidados aos idosos institucionalizados - opiniões do sujeito coletivo enfermeiro para 2026. **Acta Paul Enfermagem** v. 23, n. 6, p. 775-781, 2010.

SILVA, K. A.; SILVA, M. F. G.; MURTA, N. M. G. Práticas alimentares e bem-estar de residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos da cidade de Diamantina (MG), Brasil. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, n. 5, p. 221-236, 2013.

SILVA, J. L. **Idosos institucionalizados: um estudo sobre o risco nutricional e seus fatores associados**. 2014. 75 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós--Graduação Integrada em Saúde Coletiva - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, V. P.; CÁDERNAS, C. J. de. A comida e a sociabilidade na velhice. **Revista Kairós**, v. 10, n. 1, p. 5-69, 2007.

SILVA, M. A. B. Cozinha: espaço de relações sociais. **Iuminuras**, Porto Alegre, v. 10, n. 23, 2009.

SILVEIRA, J. M. Mulheres inscritas em cadernos de receitas. **Seminário Nacional de Arte e Educação**, Montenegro/RS v. 23, 2012.

VALENTINI, S. M. Memória e contemporaneidade: a voz dos benzedores. In: **Anais do VI Simpósio sobre formação de professores, currículo e escola**. Tubarão, 2014.

XIMENES, M. A.; CORTÊ, B. A INSTITUIÇÃO ASILAR E SEUS FAZERES COTIDIANOS: um estudo de caso. **Estudo Interdisciplinar do envelhecer**, Porto Alegre, v. 11, p. 29-52, 2007.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

WAHLQVIST, M; KOURIS-BLAZOS, A; HSA-HAGE, B. Aging, food, culture and health. **Southeast Asian J Trop Med Public Health**, 1997, v. 28, s. 2, p.100-12.

WELLMAN, N. S.; KAMP, B. J. Nutrição e envelhecimento. IN: MAHAN, L. K.; STUMP, S. E.; RAYMOND, J. L. **Krause**: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Cap. 21, p. 446-447, 2012.

ANEXO

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: **Consumindo memórias, degustando saudades**: a influência da saudade nos relatos alimentares de idosos institucionalizados no município de Caraúbas-RN, que tem como pesquisadora responsável Michelle Cristine Medeiros da Silva.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esta pesquisa tenta compreender a influência das práticas da memória nas práticas alimentares de idosos que residem em uma ILPI. Caso decida aceitar o convite, você participará de entrevistas narrativas que serão realizadas na Casa Lar dos Mestres da vida.

Os riscos envolvidos na sua participação são mínimos, como: sentir-se constrangido durante a entrevista por dificuldade para falar sobre o tema. Esse risco será minimizado pela pesquisadora, durante a intervenção, através da moderação e encorajamento de comentários. Em casos de agravos, complicações e danos, decorrentes da pesquisa, o participante será assistido de maneira imediata e integral. Nos casos em que haja algum eventual dano o voluntário terá direito a indenização, ou seja, cobertura material para reparação. Não será exigida do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Caso o voluntário tenha alguma despesa ou custo comprovados por ter participado desta pesquisa, e venha a requerê-los, ele será devidamente ressarcido.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: colaborar para a compreensão de um fenômeno no qual todos os usuários das Instituições de Longa Permanência para idosos estão implicados, ter a oportunidade de refletir sobre suas condições de saúde frente às questões levantadas.

Essa pesquisa cumpre as exigências contidas nos itens IV. 3 e IV. 4 da Resolução nº 466/12 – CONEP. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Você ficará com uma via deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Thalyta Pereira Maciel, endereço Rua Pedro Simões, 185, Centro, Cuité/PB, pelo telefone (83) 9693-1175 ou e-mail: mclthalyta@gmail.com, bem como, poderá questionar diretamente para Michelle Cristine Medeiros da Silva, endereço Rua Dom José Tomaz, 1126, apt 2003, Tirol, Natal RN, pelo telefone (84) 8742-3086 ou e-mail: medeiros.michelle@hotmail.com.

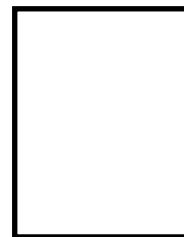
Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: ***Consumindo memórias, degustando saudades: a influência da saudade nos relatos alimentares de idosos institucionalizados no município de Cuité-PB***, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Cuité (PB), ____/____/_____

Participante da pesquisa Nome:



Assinatura:

Impressão datiloscópica do participante

Pesquisador responsável Nome:

Assinatura:

**Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro –
HUAC** Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP
58.107-670, Campina Grande/PB, telefone: (83) 2101 5545

APÊNDICE

APÊNDICE A - Guia para Entrevista narrativa.

1. Tópico inicial para entrevista

Eu gostaria que você me contasse a história de sua alimentação. Tudo o que você puder relatar é importante para mim.

2. Questões exmanentes

Quais as causas da institucionalização?

Qual era a relação anterior com a família imediata?

Qual a rotina alimentar do idoso (horários, composição das refeições, exceções)?

Quais as principais alterações nas práticas alimentares pós-institucionalização?

Quais as razões dos câmbios alimentares?

Que prato mais marcou a sua vida? Por quê?

Que gosto mais te dá saudade?